

**UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**IDENTIDADE VOCACIONAL E A SUA RELAÇÃO COM A PERSPETIVA  
TEMPORAL:  
UM ESTUDO COM JOVENS ADULTOS PORTUGUESES A FREQUENTAR A  
UNIVERSIDADE**

Tânia Sofia dos Santos Almeida

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA  
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)**

**2016**

**UNIVERSIDADE DE LISBOA**  
**FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**IDENTIDADE VOCACIONAL E A SUA RELAÇÃO COM A PERSPETIVA  
TEMPORAL:  
UM ESTUDO COM JOVENS ADULTOS PORTUGUESES A FREQUENTAR A  
UNIVERSIDADE**

Tânia Sofia dos Santos Almeida

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Janeiro

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
**(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)**

**2016**

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta dissertação:

À Professora Doutora Isabel Janeiro por todo o apoio e disponibilidade que demonstrou no decorrer deste ano e, especialmente, por ter conseguido, nas alturas certas, motivar-me e travar o meu desejo perfeccionista de querer responder a 1001 questões só numa dissertação de mestrado.

Aos restantes professores da Faculdade de Psicologia que me ajudaram igualmente na construção desta tese e que contribuíram para o meu enriquecimento de conhecimentos na área da investigação ou que me ajudaram no recrutamento de participantes, disponibilizando-me algumas das suas aulas.

Aos meus pais e ao meu irmão por todo o apoio e incentivo que me têm dado neste percurso académico que decidi trilhar. É graças a eles que eu cheguei tão longe, e são também eles que me levam a acreditar que existem sítios ainda mais longe que eu ainda irei alcançar.

À Leonor, um apoio fundamental durante estes cinco anos, que sem dúvida não teriam sido os mesmos se ela não estivesse lá. Agradeço-lhe por ter estado lá quando eu precisava, mas, essencialmente, por termos feito este caminho juntas, apoiando-nos mutuamente numa relação de simbiose perfeita.

A algumas amigas. À Marta, Sofia, Raquel e Sandra por terem também estado lá em momentos decisivos e pela amizade que partilhámos. À Tália por me ter apoiado, pontualmente, na construção desta tese e pela amizade e disponibilidade que sempre me mostrou. À Mónica e Telma por ter aprendido pequenas coisas com a forma de estas trabalharem e por ter crescido enquanto aluna e pessoa ao lado delas.

E a todos os participantes do estudo realizado, sem a vossa participação não teria sido possível.

## Resumo

A identidade pode ser considerada como a perspetiva que o indivíduo tem do desenvolvimento da sua vida e esta ajuda o próprio a dar sentido ao seu passado, presente e futuro. Poucos estudos investigaram a relação entre a Identidade Vocacional e a Perspetiva Temporal, e aqueles que o fizeram apresentam resultados dissonantes. Deste modo, o presente estudo visa perceber qual a relação existente entre estas duas variáveis. Para além disso, pretende-se adaptar e validar para português o instrumento Vocational Identity Measure (VIM) utilizando, para esse efeito, uma amostra de jovens adultos a frequentar a universidade de Lisboa. O instrumento para medir a perspetiva temporal selecionado foi o Inventário de Perspetiva Temporal (IPT), e apesar deste já ter sido utilizado com adultos e validado para adolescentes, é desconhecido um estudo que faça uma validação deste instrumento para a população alvo desta investigação. Este será, assim, o último objetivo deste estudo. Participaram nesta investigação 286 estudantes universitários de uma Faculdade de Lisboa entre os 18 e os 30 anos de idade, sendo que 148 destes estudantes ainda participaram no reteste, que ocorreu duas a três semanas depois da aplicação do 1º momento. Os resultados revelam bons índices de validade para a versão portuguesa do VIM e para o IPT e que a identidade vocacional está relacionada positivamente com a orientação para o futuro e negativamente com a orientação para o presente e para a visão negativa do futuro.

**Palavras chave:** identidade vocacional, desenvolvimento da identidade, perspetiva temporal, jovens adultos, estudantes universitários

### **Abstract**

Identity can be considered as the individual's perspective of the development of his/her life and it helps him/her to make sense of the past, present and future. Few studies have investigated the relationship between Vocational Identity and Temporal Perspective, and those who have made it show discordant results. Thus, the present study aims to understand the relationship between these two variables. Furthermore, we intend to validate the instrument Vocational Identity Measure (VIM) to portuguese in a sample of young adults attending the University of Lisbon. The instrument that has been chosen to measure time perspective was IPT and although it has already been used with adults and validated with adolescents, it is unknown a study that makes a validation of this instrument for the population under study. So, this is going to be the last purpose of this investigation. This study included the participation of 286 university students of a Lisbon's College between the age of 18 and 30. 148 of these students also participated in the re-test, which took place two to three weeks after the first application. The results show that IPT and the portuguese version of VIM are psychometrically sound measures and that vocational identity is positively related to future orientation and negatively related to presente orientation and negative view of future.

**Keywords:** vocational identity, identity development, young adults, university students

## Índice

Introdução .....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico .....	3
1. Os Jovens adultos no contexto atual do mundo do trabalho .....	3
2. Identidade Vocacional .....	5
2.1. Identidade Vocacional: um construto unidimensional ou multidimensional? .....	7
2.2. Como medir a Identidade Vocacional? .....	8
3. Perspetiva Temporal .....	10
3.1. Como medir a perspetiva temporal? .....	12
4. Relação entre a Perspetiva Temporal e a Identidade Vocacional .....	14
5. Objetivos e Hipóteses do estudo .....	15
Capítulo II – Método .....	16
1. Participantes .....	16
2. Instrumentos .....	17
2.1. Questionário sociodemográfico .....	17
2.2. Vocational Identity Measure – VIM. ....	17
2.3. Inventário de Perspetiva Temporal – IPT. ....	18
3. Procedimento de recolha .....	19
4. Procedimentos de análise .....	20
Capítulo III – Resultados .....	21
1. Análise das Qualidades Psicométricas do Vocational Identity Measure (VIM) .	21

1.1.	Estatísticas descritivas ao nível dos itens.....	22
1.2.	Validade de construto.....	23
1.3.	Fiabilidade.....	26
1.4.	Validade de critério. ....	28
2.	Análise das Qualidades Psicométricas do Inventário de Perspetiva Temporal (IPT).....	30
2.1.	Estatísticas descritivas ao nível dos itens.....	30
2.2.	Validade de construto.....	32
2.3.	Fiabilidade.....	36
3.	Correlações entre as subescalas do IPT e a escala do VIM.....	38
Capítulo IV – Discussão .....		41
Referências .....		49
Anexos.....		56

### Índice de figuras

Figura 1 - Modelo de um fator da análise fatorial confirmatória do Vocational Identity Measure (VIM).....	25
---	----

### Índice de tabelas

Tabela 1 – Descritivas dos Itens do VIM.....	23
Tabela 2 – Análise fatorial exploratória dos itens do VIM.....	24
Tabela 3 – Diferenças de Médias e Desvios-padrão dos Itens do VIM nos dois momentos.....	27
Tabela 4 – Correlações entre os dois momentos nos itens e na escala total do VIM.....	29
Tabela 5 – Modelo de Regressão.....	30
Tabela 6 – Descritivas dos Itens do IPT.....	31
Tabela 7 – Análise fatorial exploratória dos itens do IPT com rotação Varimax.....	33
Tabela 8 – Diferenças de Médias e Desvios-padrão dos Itens do IPT nos dois momentos.....	37
Tabela 9 – Correlações entre os dois momentos nos itens do IPT e nas subescalas do IPT .....	39
Tabela 10 – Correlações entre as subescalas do IPT e a escala do VIM .....	41



## **Introdução**

Existem cada vez mais jovens a prosseguir estudos universitários e a adiarem, por via de uma formação cada vez mais longa, a sua entrada no mundo do trabalho (Andrade, 2010; 2014). Este cenário é um pouco generalizado por todo o mundo, mas encontram-se algumas especificidades nos países do Sul da Europa, como é exemplo Portugal. Nesses países, a maioria dos jovens está totalmente afastada do mercado de trabalho enquanto estuda, contribuindo assim para o prolongamento do estatuto social de “não produtivo” (Andrade, 2010; 2014). Para estes jovens, o desenvolvimento da identidade vocacional prolonga-se durante a transição e início da idade adulta e a Universidade surge como uma oportunidade para a exploração da identidade e para pensar e planear o futuro (Luyckx, Lens, Smits & Goossens, 2010). Deste modo, os jovens adultos defrontam-se com duas tarefas essenciais: o desenvolvimento da sua identidade vocacional e da sua perspetiva temporal, sendo importante perceber de que modo estas duas variáveis estão relacionadas uma com a outra

Taber e Blankemeyer (2015) referem que os aspetos psicológicos do tempo são essenciais à formação da identidade, e já Erikson (1968) chamava a atenção para a existência dessa relação. No entanto, são poucos os estudos conhecidos que investigaram até agora a relação entre a perspetiva temporal e a identidade vocacional e aqueles que existem apresentam resultados dissonantes.

Uma das razões frequentemente apontada para a escassez de estudos neste domínio prende-se com a falta de instrumentos considerados adequados para avaliar a identidade vocacional. Com efeito, o instrumento mais utilizado para medir a identidade vocacional como construto unidimensional apresenta algumas limitações e fragilidades, tornando-se necessário ter um instrumento alternativo (Grupta, Chong & Leong, 2015).

O VIM (Vocational Identity Measure) foi desenvolvido com esse propósito (Grupta, et al., 2015), mas ainda não se encontra adaptado para a população portuguesa.

O presente estudo tem como objectivo principal perceber qual a relação existente entre a identidade vocacional e a perspetiva temporal em jovens adultos portugueses a frequentar a universidade. Para este efeito, este estudo visa ainda adaptar e validar para português o Vocational Identity Measure (VIM) utilizando uma amostra de jovens adultos a frequentar a universidade de Lisboa.

O instrumento para medir a perspetiva temporal selecionado foi o IPT de Janeiro (2006), que já foi utilizado com adultos (e.g., Ortuño & Janeiro, 2009; Ortuño, Paixão & Janeiro, 2013) e validado para adolescentes (Janeiro, 2012). Contudo, é desconhecido um estudo que faça uma validação deste instrumento para a amostra que será alvo do presente estudo (i.e., jovens adultos universitários). Nesse sentido, esse será outro objetivo deste estudo.

A presente dissertação de mestrado começa pelo Enquadramento Teórico onde se contextualiza o tema, através da referência a modelos teóricos e investigações que constituem um referencial conceptual e empírico para a compreensão deste estudo. De seguida, é apresentado o Método onde são descritos os participantes, procedimentos e os instrumentos utilizados. Posteriormente, são mostrados os Resultados obtidos no estudo e, por último, a Discussão onde se refletem os principais resultados obtidos à luz dos estudos anteriores a este, apresentando-se as principais conclusões do mesmo, bem como as suas possíveis limitações e principais implicações.

## **Capítulo I – Enquadramento Teórico**

### **1. Os Jovens adultos no contexto atual do mundo do trabalho**

O trabalho como o conhecemos hoje surgiu com a revolução industrial e persistiu durante a era da tecnologia (Vondracek, Ferreira & Santos, 2010). Com o avançar do tempo, começaram a verificar-se muitas e rápidas mudanças no mundo do trabalho (Vondracek, et al., 2010) que levaram a uma diminuição da segurança no emprego, da previsibilidade e das expectativas de progressão de carreira (Sestito et al., 2015; Vondracek, et al., 2010). Por outro lado, as oportunidades no mercado de emprego atual incluem uma proliferação de novas carreiras e contratos, e a flexibilidade para o próprio definir a sua carreira (Sestito et al., 2015). Deste modo, as estruturas e convenções sociais que levavam os indivíduos até caminhos ocupacionais bem definidos mudaram ou desapareceram, exigindo dos indivíduos, na maior parte das vezes, uma posição e atitude mais ativas, tendo de ser estes a desenhar e construir a sua própria vida (Guichard, Pouyaud, de Calan, & Dumora, 2012; Vondracek, et al., 2010).

Com estas mudanças, surge a necessidade do prolongamento dos estudos e uma marcada instabilidade profissional que dificulta a inserção dos jovens no mercado de trabalho (Andrade, 2010). Tendo isto em consideração, a entrada na idade adulta é adiada, existindo uma maior exploração por parte dos jovens das oportunidades existentes e da sua própria identidade, surgindo mais tardiamente as características pessoais que têm sido consideradas prioritárias para se ser considerado adulto (e.g., ser capaz de tomar decisões e ser capaz de sustentar-se a si próprio financeiramente) (Andrade, 2010).

Sestito e colaboradores (2015) ao realizarem um estudo com jovens adultos em Itália concluíram que o desenvolvimento da identidade vocacional é sensível ao contexto de trabalho atual, estando aparentemente a natureza da carreira relacionada

com mudanças nos processos e estrutura da identidade vocacional. Efetivamente, os adolescentes tendem a deixar as imagens estereotipadas e idealizadas do mundo do trabalho que desenvolvem em crianças para desenvolver uma concepção mais realista e concreta do verdadeiro mundo do trabalho, desenvolvendo assim as suas identidades vocacionais (Sestito et al., 2015). Contudo, existe alguma variabilidade no caminho e duração deste desenvolvimento de pessoa para pessoa e de acordo com os diferentes contextos culturais e socioeconómicos (Sestito et al., 2015).

Apesar do desenvolvimento da identidade vocacional ter sido associada ao período da adolescência, as mudanças socioculturais que existiram nas últimas décadas, nomeadamente o prolongamento da escolaridade obrigatória, levou a uma extensão desta tarefa até aos jovens adultos, e estudar na Universidade representa uma oportunidade para estes jovens continuarem a questionar a sua identidade (Lannegrand-Willems, Perchech & Marchal, 2015; Schwartz et al., 2015). Assim, apesar da formação da identidade vocacional começar na adolescência, esta intensifica-se nos jovens adultos (Luyckx, 2006). Luyckx e colaboradores (2010) salientaram o facto de a investigação ter vindo a demonstrar que o contexto da universidade e o período de transição para a fase adulta serem fundamentais para a exploração da identidade e para estes começarem a orientarem-se mais para o futuro.

É essencial que os estudantes desenvolvam as suas identidades vocacionais, perspetivas temporais e as suas capacidades de decisão de carreira durante a Universidade, visto que o mundo do trabalho está a mudar tão rapidamente com os desenvolvimentos tecnológicos e económicos que se torna muito pouco provável que os jovens sigam o caminho tradicional de desenvolvimento de carreira (Brown, 2000; Khasawneh, Khasawneh, Hailat & Jawarneh, 2007).

Creed e Hood (2015) referem que uma das variáveis chave a ter em consideração no processo de desenvolvimento de carreira é a identidade vocacional, para além da maturidade de carreira, tomada de decisão e ajustamento de carreira (incluindo preocupações, ansiedade e crenças). No entanto, o estudo da identidade vocacional apenas se tornou dominante no fim dos anos 80 e inícios dos anos 90 (Vondracek & Profeli, 2011).

## **2. Identidade Vocacional**

A identidade refere-se ao entendimento e conceptualização do indivíduo para consigo próprio, através da identificação ou auto-categorização com base na pertença a determinados grupos ou papéis sociais (Stets & Burke, 2000). O processo de construção da identidade é um processo que se inicia cedo na vida e que continua ao longo de toda a existência (Erikson, 1968). Erikson (1963) defendeu a existência de duas questões centrais inerentes à formação da identidade: a escolha de uma ocupação e a formação de uma ideologia. De acordo com Holland, Gottfredson e Power (1980), a identidade demonstra ter um grande potencial para perceber melhor os processos de desenvolvimento da personalidade e as crises da vida vocacional, sendo que a incapacidade de desenvolver uma identidade vocacional estável é, em geral, o que perturba mais os jovens (Kroger & Marcia, 2011).

A identidade vocacional reflete a visão que a pessoa tem dela própria no papel de trabalhador (Skorikov & Vondracek, 2011), sendo “uma estrutura de significados em que o indivíduo estabelece a ligação entre as suas motivações, interesses e competências com papéis de carreira que considera aceitáveis” (Meijers, 1998, p. 191). Holland e colaboradores (1980) definem a identidade vocacional como a existência de uma visão clara e estável de objetivos, interesses e talentos, refletindo-se esta numa confiança na

capacidade pessoal em tomar decisões ou resolver problemas considerando sempre o ambiente. Esta é, assim, estabelecida quando um indivíduo consegue uma congruência entre o conhecimento que ele tem da sua personalidade e o seu ambiente através da observação, experimentação e identificação (Khasawneh, et al., 2007). Neste sentido, indivíduos com uma identidade vocacional mais desenvolvida poderão mais facilmente ter competências fortes de tomada de decisão de carreira (Holland, 1997), sendo que os problemas com a identidade vocacional são um dos aspetos que surge como causa para a maioria das dificuldades no processo de tomada de decisão de carreira (Holland et al., 1980). Khasawneh e colaboradores (2007) referem que a investigação tem demonstrado que os indivíduos que estão indecisos sobre a direção da carreira que querem seguir é porque ou têm uma identidade vocacional pouco desenvolvida ou uma dificuldade em perceber o mundo do trabalho.

Para os jovens adultos a tarefa de estabelecer a sua identidade vocacional e global ocupa uma importante centralidade no seu desenvolvimento (Porfeli, Lee, Vondracek, & Weigold, 2011). Segundo Sestito et al. (2015) muitos estudos demonstram a existência de uma correlação positiva entre a identidade global e a vocacional, sendo estes, contudo, dois construtos diferenciados.

Diversos estudos têm investigado a relação entre a identidade vocacional e outras que são relevantes ao processo de tomada de decisão de carreira. Por exemplo, Taber e Blankemeyer (2015) enunciam alguns estudos que demonstram que a aquisição de uma identidade vocacional está associada à maturidade vocacional e que é essencial ao desenvolvimento de carreira e à empregabilidade. Já Gushue, Clarke, Pantzer e Scanlan (2006) concluíram que a identidade vocacional está relacionada com a autoeficácia de tomada de decisão de carreira e com as perceções de barreira (i.e., quanto menor o número de obstáculos percecionados, maior a identidade vocacional). Para além disso,

esta variável ainda se encontra positivamente correlacionada com a idade (Holland, et al., 1980) e sabe-se que quanto mais desenvolvida estiver a identidade dos jovens melhores capacidades de planeamento e decisão de carreira estes parecem ter (Wallace-Broschius, Serafica, & Osipio, 1994). É ainda de realçar que a investigação tem mostrado que não existem diferenças de género relativamente à identidade vocacional (Khasawneh, et al., 2007).

### **2.1. Identidade Vocacional: um construto unidimensional ou multidimensional?**

A Identidade começou por ser encarada como um construto multidimensional por Erikson (1968), que defendia que existiam diferentes caminhos para o desenvolvimento desta. Este defendia que os indivíduos tinham inicialmente uma identidade pouco definida, mas que na adolescência começavam a comprometer-se com valores, crenças e objetivos de outros significativos. Depois quando o indivíduo começava a passar por várias dúvidas ou problemas referentes à exploração que estava a fazer, dizia-se que este estava num período de crise de identidade e que só quando conseguisse resolver essa crise conseguiria alcançar a sua identidade (Erikson, 1968).

Foi Marcia (1996) quem desenvolveu melhor esta ideia de Erikson, descrevendo quatro estilos de identidade pelos quais os adolescentes e jovens adultos passam ao tentar desenvolver a sua identidade vocacional, ideológica e sexual: a Difusão de Identidade onde não existe qualquer exploração ou comprometimento; a Adoção de Identidade em que começa a existir o comprometimento, mas nenhuma exploração; a Identidade em Moratória que ocorre durante a fase de exploração, sem existir comprometerimentos; e a Realização da Identidade que diz respeito a um

comprometimento após ter terminado a exploração (Marcia, 1996; Kroger, Martinussen & Marcia, 2010).

Mais tarde começaram a surgir outras investigações que defendiam a existência de outras dimensões de identidade (e.g., Luyckx, Soenens, & Goossens, 2006; Schwartz et al., 2015) ou que acrescentavam mais algumas dimensões às defendidas por Marcia (e.g., Porfeli, et al., 2011).

No entanto, nem todos os autores defendem esta multidimensionalidade da Identidade Vocacional. A definição trazida por Holland et al. (1980) é bastante mais simplista, vendo-a como uma visão clara e estável de objetivos, interesses e talentos, conseguindo ainda hoje mostrar ser útil à investigação (e.g., Grupta, et al., 2015).

Efetivamente, existe uma necessidade de explorar mais aprofundadamente esta área de investigação, tal como Porfeli e colaboradores (2011) sugerem, referindo que é preciso uma maior clareza conceptual sobre a identidade vocacional e desenvolver melhores instrumentos para a medir.

## **2.2.Como medir a Identidade Vocacional?**

A identidade não é observável, logo o que se mede são os comportamentos que se manifestam como resultado da identidade estar ou não formada (Kroger & Marcia, 2011). Existem inúmeros instrumentos para medir a Identidade Vocacional operacionalizada como um construto multidimensional, mas apenas um amplamente utilizado nos últimos anos para medi-la como um construto unidimensional.

Holland e colaboradores (1980) desenvolveram o My Vocational Situation com três escalas avaliando cada uma delas: a identidade vocacional, a informação ocupacional e as barreiras contextuais. No entanto, apenas a VIS, a escala que avalia a identidade vocacional, foi muito utilizada ao nível da intervenção e da investigação (Santos, 2010).



A VIS foi utilizada ao nível da intervenção, por exemplo, na avaliação das necessidades iniciais de consulta vocacional; como indicador da eficácia da intervenção vocacional; e em inúmeras investigações realizadas ao longo de mais de duas décadas (Santos, 2010).

A VIS é constituída por 18 itens com tipo de resposta dicotómica (verdadeiro-falso) e o resultado individual é obtido mediante a soma do número de respostas falsas, com resultados mais altos a corresponderem a níveis mais elevados de identidade vocacional (Santos, 2010). Um exemplo de um item é: “Decidir-me sobre a minha carreira profissional tem sido um problema difícil e prolongado para mim” (Santos, 2010). A escala na sua versão portuguesa apresentou uma boa consistência interna ( $\alpha=.79$ ) (Santos, 2010). Os indivíduos com resultados elevados na escala “(...) são pessoas vocacionalmente maduras, com crenças construtivas sobre o processo de decisão vocacional; (...) relativamente isentos de problemas psicológicos incapacitantes; conscienciosos, responsáveis e esperançosos; possuem um sentido claro de identidade; não desistem facilmente perante barreiras ou ambiguidades contextuais” (Holland, Johnston & Asama, 1993, p. 8).

Grupta e colaboradores (2015) salientam o facto da VIS parecer medir mais a forma como os indivíduos se sentem acerca da sua situação atual de carreira, em vez de uma consciência estável dos seus objetivos e interesses vocacionais (e.g., “Não estou certo que a minha escolha ocupacional ou trabalho atual seja o mais adequado para mim”). Os autores ainda referem que o facto do estilo de resposta ser de verdadeiro ou falso obriga os indivíduos a fazerem uma escolha, mesmo que estes sejam neutros acerca do conteúdo do item e torna mais difícil avaliar psicometricamente a escala. Deve ser dado, contudo, crédito a Holland e aos seus colaboradores por reconhecerem a necessidade de definir e tentar medir um construto que pode ser visto como um

potencial mediador entre a personalidade e o comportamento vocacional (Vondracek, 1992).

Nesse sentido, Grupta e colaboradores (2015) desenvolveram um novo instrumento para medir a Identidade Vocacional como construto unidimensional, que designaram de VIM (Vocational Identity Measure), mas partindo da mesma definição de Holland et al. (1980). Este é constituído por 20 itens com uma escala de resposta tipo Likert de 5 pontos e mostrou ter bons indicadores de validade (Grupta, et al., 2015). Os resultados do estudo de validação mostraram ainda que o VIM estava positivamente correlacionado com o resultado na VIS ( $r = 0,72$ ,  $p < .01$ ), mas não era uma correlação perfeita, existindo algum grau de validade discriminante, e que o novo instrumento tinha maior capacidade para prever a decisão de carreira dos indivíduos do que a VIS. Os autores apontaram como uma das limitações ao seu estudo o facto de não terem utilizado a medida de teste-reteste para perceber se a Identidade Vocacional é, de facto, um construto estável.

### **3. Perspetiva Temporal**

Pensar no tempo é algo que o ser-humano não consegue evitar, fazendo-o desde sempre, e, assim, a perspetiva temporal é uma das mais poderosas influências no comportamento humano (Stolarski, Fieulaine & van Beek, 2015), tendo sido vital na evolução do nosso funcionamento cognitivo (Suddendorf & Corballis, 1997).

Stolarski e colaboradores (2015) perceberam que um dos primeiros investigadores a discutir a percepção da duração do tempo e da passagem deste como um conceito central na psicologia foi William James em 1890, que trouxe o conceito e a base das conceções da teoria da perspetiva temporal. Apesar destes e de outros primeiros contributos, a teoria da perspetiva temporal surge com o trabalho de Kurt Lewin (1951;

1965), onde existe uma centralização no ser humano e na concepção que este tem do tempo. Para este autor o momento presente contém em si mesmo o passado e o futuro, sendo as perspectivas e as memórias que o indivíduo tem que influenciam as suas expectativas. Estas irão, por sua vez, determinar as suas ações e emoções. Lewin (1951) definiu, assim, a perspectiva temporal como “a totalidade de perspectivas que os indivíduos têm do seu futuro e passado psicológicos, num determinado momento” (p. 75).

No entanto, é de realçar que foi Zimbardo um dos grandes responsáveis pelo impacto tão significativo da Teoria da Perspetiva Temporal na psicologia contemporânea (Stolarski, et al., 2015). Segundo Zimbardo e Boyd (1999) a perspectiva temporal é um “processo não consciente em que os fluxos contínuos de experiências pessoais e sociais são associados a categorias ou marcos temporais que ajudam a dar ordem, coerência e significado a esses acontecimentos” (p. 1271).

Existem três marcos temporais: o passado, onde as memórias de situações passadas semelhantes ao momento presente do indivíduo têm influência nas suas cognições e comportamentos; o presente, no qual as variáveis ambientais e pessoais do momento influenciam os comportamentos e cognições do indivíduo; e o futuro no qual os projetos, expectativas e cenários hipotéticos do indivíduo exercem influência nas suas cognições e comportamentos (Zimbardo & Boyd, 1999; Ortuño & Janeiro, 2009). Estes marcos moldam as expectativas, objetivos, julgamentos, decisões e ações do indivíduo (Zimbardo & Boyd, 1999).

Os três marcos temporais lutam permanentemente por recursos, visto que quando um indivíduo se foca em um dos marcos, os outros dois saem do seu campo de atenção (Stolarski, et al., 2015). Assim, se, por exemplo, alguém se focar no seu futuro, irá, provavelmente, ignorar o seu passado e deixar apenas uma pequena parte dos seus

recursos cognitivos para controlar a situação presente (Stolarski, et al., 2015). Neste sentido, os indivíduos desenvolvem um foco temporal mais predominante e recorrente, tendendo a ignorar ou a prestar menos atenção aos restantes (Stolarski, et al., 2015).

Indivíduos com uma orientação predominante para o presente estão mais focados no aqui e agora, delineando objetivos e tendo comportamentos que vão no sentido de corresponder aos seus desejos imediatos (Luyckx et al., 2010). Não estão preocupados com situações e problemas que lhes aconteceram no passado, mas também não são capazes de criar um plano de vida realístico (Luyckx et al., 2010). Assim, uma orientação temporal predominante para o Presente está associada a *outputs* mais negativos, como problemas de saúde mental e delinquência juvenil (Zimbardo & Boyd, 1999).

Os indivíduos orientados predominantemente para o futuro são mais capazes de definir objetivos a longo prazo, acabando por se envolverem menos em comportamentos de risco (Luyckx et al., 2010). Neste sentido, eles acabam por ser mais bem-sucedidos academicamente e profissionalmente do que os indivíduos orientados para o presente (Simons, Vansteenkiste, Lens, & Lacante, 2004), e têm uma maior confiança e menos ansiedade ao tomar decisões de carreira (Jung, Park & Rie, 2015).

### **3.1. Como medir a perspectiva temporal?**

Um dos instrumentos mais utilizados na investigação para medir a perspectiva temporal é o ZTPI (Zimbardo Time Perspective Inventory) que foi desenvolvido por Zimbardo e Boyd (1999) e apresenta afirmações acerca das crenças, preferências e valores individuais relacionados com o passado, presente e futuro. Este instrumento é formado por 56 itens com uma escala de resposta tipo Likert de 5 pontos e dividido em cinco subescalas. Uma delas é o futuro, que reflete uma visão voltada para as

consequências, sendo que os indivíduos se focam nos objetivos futuros e para as respectivas recompensas, suprimindo, muitas vezes, a realidade presente, adiando gratificações (Boniwell & Zimbardo, 2004). Outro fator é o passado positivo que reflete o sentimento nostálgico e agradável de pensar no seu passado (Boniwell & Zimbardo, 2004). Um terceiro fator é o passado negativo que está associado às experiências pessoais aversivas, sendo que estes indivíduos geralmente são conservadores, cautelosos, evitam mudanças e são pouco abertos a novas experiências (Boniwell & Zimbardo, 2004). Existe ainda o fator do presente hedonista que está associado a indivíduos que vivem o momento e que não pensam nas consequências das suas ações (Boniwell & Zimbardo, 2004). E o último fator diz respeito ao presente fatalista que está associado a crenças que os indivíduos têm de que forças externas controlam a sua vida e que eles nada podem fazer (Boniwell & Zimbardo, 2004).

Outro dos instrumentos para medir a perspectiva temporal é o IPT (Inventário de Perspectiva Temporal) de Janeiro (2006) que foi construído para avaliar as diversas dimensões da perspectiva temporal em estudantes do ensino básico e secundário. Este instrumento tem 32 itens organizados em quatro subescalas: Orientação Futuro, Orientação Presente, Orientação Passado e a Visão Negativa de Futuro (Janeiro, 2006; 2012).

Com o intuito de estabelecer uma base comparativa entre o ZTPI e o IPT, Ortuño e Janeiro (2009) realizaram um estudo com adultos dos 18 aos 68 anos de idade, sendo que 48.1% destes eram estudantes universitários. Os resultados indicaram que existem relações significativas entre algumas das subescalas destes dois instrumentos, nomeadamente entre a Orientação Passado (IPT) e o Passado Positivo (ZTPI), a Orientação Presente (IPT) e o Presente Fatalista (ZTPI) e a Orientação Futuro (IPT) e o Futuro (ZTPI). Os autores concluem que os dois instrumentos apresentam valores de

correlação elevados entre si e níveis de precisão adequados, tendo, ambos, potencialidades para a avaliação da perspectiva temporal.

#### **4. Relação entre a Perspetiva Temporal e a Identidade Vocacional**

A identidade pode ser considerada como a perspetiva que o indivíduo tem do desenvolvimento da sua vida e esta ajuda o próprio a dar sentido ao seu passado, presente e futuro (Creed & Hood, 2015). Por outro lado, como as perspetivas temporais são usadas pelos indivíduos para formar expectativas, objetivos e caminhos de vida, estas podem moldar a forma como o indivíduo desenvolve a sua identidade (Luyckx et al., 2010).

Segundo alguns autores (Luyckx et al., 2010; Taber & Blankemeyer, 2015) não existe muita investigação sobre a relação entre estas duas variáveis, sendo importante estudar a relação da perspectiva temporal, não com a identidade global, que já foi muito estudada, mas, sim, com a identidade vocacional.

Para estudar a relação entre estas duas variáveis, Luyckx e colaboradores (2010) desenvolveram um estudo longitudinal com uma medição em dois tempos com quatro meses de intervalo numa amostra de estudantes universitários. Também Taber e Blankemeyer (2015) realizaram um estudo com o mesmo intuito, em apenas um momento de medição, com estudantes universitários dos 18 aos 23 anos. Em ambos os estudos, a identidade vocacional foi operacionalizada como um construto multidimensional, mas as dimensões consideradas foram diferentes, utilizando estes instrumentos diferenciados. Para a medição da perspectiva temporal foi utilizado o ZTPI.

Os dois estudos demonstraram que parece existir uma relação inversa entre a perspectiva temporal de futuro e uma identidade vocacional menos desenvolvida. No entanto, Taber e Blankemeyer (2015) não encontraram relação entre a perspectiva

temporal do futuro e uma identidade vocacional mais desenvolvida, ao contrário do que se verificou no estudo de Luyckx et al. (2010). Para além disto, Luyckx e colaboradores (2010) encontraram uma relação positiva entre a perspetiva temporal presente (i.e., tanto o Presente Hedonista como o Presente Fatalista) e uma identidade vocacional menos desenvolvida, e uma relação negativa entre esse mesmo marco temporal e uma identidade vocacional mais desenvolvida. Esse resultado foi encontrado parcialmente no estudo de Taber e Blankemeyer (2015), onde se verificou que existia uma correlação positiva entre uma identidade vocacional menos desenvolvida e o Presente Fatalista e nenhuma relação com uma identidade mais desenvolvida e essa perspetiva temporal.

No estudo de Luyckx et al. (2010) percebeu-se ainda que a identidade vocacional e a perspetiva temporal são construtos independentes, mas que se reforçam um ao outro ao longo do tempo.

## **5. Objetivos e Hipóteses do estudo**

O instrumento VIS, já adaptado para Portugal, apresenta algumas limitações e fragilidades, tornando-se necessário ter um instrumento alternativo para medir a identidade vocacional como um construto unidimensional. O VIM foi desenvolvido com esse propósito, mas ainda não se encontra adaptado para a População portuguesa. Este estudo visa, assim, adaptar para português o VIM utilizando, para esse efeito, uma amostra de jovens adultos a frequentar a universidade de Lisboa. Nesta validação, pretende-se utilizar a medida de teste-reteste, tal como proposto pelos autores do instrumento.

Como existem poucos estudos que investiguem a relação entre a Identidade Vocacional e a Perspetiva Temporal, e aqueles que existem apresentam resultados dissonantes, este estudo visa ainda perceber qual a relação existente entre estas duas

variáveis. O instrumento para medir a perspetiva temporal selecionado foi o IPT de Janeiro (2006). Apesar deste já ter sido utilizado com adultos (e.g., Ortuño & Janeiro, 2009; Ortuño, et al., 2013) e validado para adolescentes (Janeiro, 2012), é desconhecido um estudo que faça uma validação deste instrumento para a amostra que será alvo do presente estudo (i.e., jovens adultos universitários). Nesse sentido, pretende-se fazer uma validação do IPT para a amostra em questão, e posteriormente, relacionar as duas variáveis em foco neste estudo.

Com base nos resultados obtidos no estudo de Luyckx, et al. (2010) e tendo em conta que quando a orientação para o futuro é predominante existe uma maior confiança e menos ansiedade ao tomar decisões de carreira (Jung, et al., 2015), que a orientação para o presente está associada a *outputs* mais negativos (Zimbardo & Boyd, 1999) e que pessoas com uma identidade vocacional mais desenvolvida são relativamente isentas de problemas psicológicos incapacitantes e são mais competentes tanto a nível interpessoal como vocacional (Holland, et al., 1993), postulam-se as seguintes hipóteses:

H1: A identidade vocacional estará positivamente correlacionada com a perspetiva temporal de futuro.

H2: A identidade vocacional estará negativamente correlacionada com a perspetiva temporal de presente.

## **Capítulo II – Método**

### **1. Participantes**

Participaram neste estudo 286 estudantes universitários da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos de idade ( $M = 20.72$ ,  $DP = 1.69$ ). Destes, 241 são do género feminino (84.3%) e o restante do género masculino. Quase todos os participantes são do curso de psicologia



(n = 282), existindo apenas 4 participantes que são do curso de Estudos Gerais.

Relativamente à nacionalidade, a grande maioria é portuguesa (85.7%), 2 são Cabo-Verdianos e 39 não indicaram a sua nacionalidade (13.6%). 148 destes estudantes, 128 do género feminino (86.5%) e 20 do género masculino (13.5%), ainda participaram no reteste, que ocorreu duas a três semanas depois da aplicação do 1º momento.

## **2. Instrumentos**

Nesta investigação foram utilizados três instrumentos de avaliação psicológica: um Questionário Sociodemográfico, o Vocational Identity Measure (VIM) e o Inventário de Perspetiva Temporal (IPT).

### **2.1. Questionário sociodemográfico.**

Este questionário foi desenhado para recolher alguma informação descritiva dos participantes, como: idade, género, nacionalidade, existência ou não de experiência de trabalho, projetos profissionais/académicos futuros, ocupação profissional pretendida. O questionário contém doze pequenas questões, a maioria de resposta fechada.

### **2.2. Vocational Identity Measure – VIM.**

O VIM foi desenvolvido por Grupta e colaboradores (2015) e na sua versão original é composto por 20 itens que se organizam num único fator e que mostraram ter uma elevada consistência interna ( $\alpha=.96$ ). O instrumento tem itens como: “Os meus interesses coincidem com os meus objetivos de carreira”, “Sei que tipo de emprego quero ter para o resto da minha vida”, “Eu tenho alguns objetivos de carreira que gostava de prosseguir quando terminar os meus estudos”. O instrumento ainda apresenta dois itens inversos (e.g., “Eu não consigo tomar uma decisão sobre o que quero fazer em termos profissionais”) para prevenir e detetar respostas de participantes que tendem a concordar com todos os itens de forma indiscriminada.

A escala de resposta é de tipo Likert de 5 pontos (1=discordo totalmente a 5=concordo totalmente) e o resultado individual é obtido através da média de resposta a todos os itens (revertendo antes os itens inversos), com resultados mais altos a corresponderem a níveis mais elevados de identidade vocacional.

A tradução deste instrumento foi realizada seguindo um conjunto de etapas. Inicialmente foi estabelecido contacto com os autores do VIM, a fim de se obter a autorização para a utilização e estudo deste instrumento para a presente investigação. Após a autorização dada pelos autores, procedeu-se, numa segunda fase, a uma tradução dos itens pela autora deste estudo. Posteriormente, essa tradução foi aperfeiçoada tendo em conta o parecer de um especialista com domínio tanto da língua inglesa como da portuguesa, e de um especialista da área. Foi ainda realizada uma tradução reversa (i.e., traduzir a versão em português de novo para inglês) por um novo especialista com domínio tanto da língua inglesa como portuguesa. Numa quinta etapa, o questionário foi aplicado a dois estudantes universitários para perceber se existiam dúvidas na formulação dos itens em questão.

### **2.3. Inventário de Perspetiva Temporal – IPT.**

O IPT foi desenvolvido por Janeiro (2006) e é composto por 32 itens com 4 subescalas: Orientação Futuro (16 itens) (e.g., “Tenho planos definidos para os próximos anos”), Orientação Presente (8 itens) (e.g., “Prefiro pensar no presente, porque o futuro é imprevisível”), Orientação Passado (4 itens) (e.g., “Penso frequentemente nas coisas boas que me aconteceram no passado”) e Visão Negativa de Futuro (4 itens) (e.g., “Caminho para o Futuro à deriva não por opção, mas porque não consigo parar”). A subescala Orientação Futuro contém 3 itens que são inversamente codificados (e.g., “Tenho poucas ideias sobre o que quero fazer no futuro”). A escala de resposta é de tipo

Likert de 7 pontos, em que quanto mais alto o número mais forte é a concordância com a frase.

Relativamente à consistência interna de cada uma das subescalas deste instrumento, três delas apresentam um alfa de *Cronbach* adequado (Janeiro, 2012): Orientação Futuro ( $\alpha=.86$ ), Orientação Presente ( $\alpha=.76$ ) e Visão Negativa do Futuro ( $\alpha=.70$ ). Os itens da subescala de Orientação Passado apresentam uma baixa consistência interna ( $\alpha=.51$ ) (Janeiro, 2012).

O instrumento foi criado originalmente para estudantes do ensino básico e secundário, mas este já foi utilizado com adultos portugueses (e.g., Ortuño & Janeiro, 2009; Ortuño, et al., 2013), demonstrando igualmente bons índices de validade. Os coeficientes de precisão mostraram-se adequados para a Orientação Futuro ( $\alpha=.88$ ), Orientação Presente ( $\alpha=.86$ ) e Visão Negativa do Futuro ( $\alpha=.82$ ). A subescala de Orientação Passado continuou a revelar um índice de precisão um pouco mais baixo ( $\alpha=.63$ ).

### **3. Procedimento de recolha**

Os dados foram recolhidos em contexto de sala de aula e os instrumentos foram aplicados coletivamente no início ou no fim de um bloco de aulas, tendo sido pedida previamente autorização aos professores dessas unidades curriculares para o fazer. Os participantes foram informados sobre os principais objetivos do estudo e esclarecidos acerca do carácter científico, confidencial e voluntário da sua participação.

As aplicações tiveram uma duração média de 20 minutos e realizaram-se entre fevereiro e março. Os instrumentos foram apresentados pela mesma sequência que foram descritos neste capítulo: Questionário Sociodemográfico, VIM e IPT.

Cerca de metade dos participantes ( $n=148$ ) ainda realizaram um 2º momento, duas a três semanas depois do 1º momento, muito idêntico ao primeiro, onde foram aplicados

os mesmos instrumentos pela mesma ordem, mas no Questionário Sociodemográfico não tiveram de responder novamente a todas as questões (manteve-se a idade, o género, a nacionalidade, projetos profissionais/académicos futuros e ocupação profissional pretendida). Estas segundas aplicações tiveram uma duração média de 10 minutos, realizaram-se igualmente em contexto de sala de aula e os participantes foram lembrados dos principais objetivos do estudo e do carácter científico, confidencial e voluntário da sua participação.

O intuito da existência deste 2º momento era conseguir o indicador de fiabilidade de teste-reteste. Para isso, foi necessário que os participantes criassem um código com as iniciais dos seus dois primeiros nomes e os últimos três dígitos do seu documento de identidade para permitir o emparelhamento dos dados dos dois momentos sem que o anonimato fosse posto em causa e para garantir ainda que estes não se esqueçam do código.

Em nenhuma situação foi dado qualquer tipo de incentivo pela participação neste estudo.

#### **4. Procedimentos de análise**

De forma a proceder à análise dos dados recorreu-se a técnicas de análise quantitativa, com base no programa estatístico Statistical Package for the Social Sciences – SPSS versão 23.0 e do AMOS versão 23 (versões Windows).

Para a caracterização da amostra recorreu-se a estatística descritiva, nomeadamente a estatística de tendência central e de dispersão.

Para o estudo da validação do VIM e do IPT recorreu-se inicialmente ao estudo descritivo dos itens, utilizando, mais uma vez, estatística de tendência central e de dispersão. Para ambos os instrumentos foi feita uma análise fatorial exploratória em

componentes principais, utilizando para o IPT uma rotação *Varimax*. Para o VIM ainda foi realizada uma análise fatorial confirmatória, utilizando-se para a análise do ajustamento encontrado o  $\chi^2$ ,  $\chi^2/\text{gl}$  e os índices CFI, TLI e RMSEA. A análise da fiabilidade dos instrumentos foi estudada através do Alfa de *Cronbach* e do teste-reteste, onde para além das correlações recorreu-se ao teste *t-student* para amostras emparelhadas, de forma a proceder a uma comparação entre médias nos dois momentos.

Procedeu-se a uma regressão logística para perceber se a Identidade Vocacional medida através do VIM predizia o facto dos participantes terem ou não decidido qual a ocupação profissional que pretendiam ter.

Por fim, realizaram-se correlações, utilizando o coeficiente de correlação de Pearson, entre as subescalas do IPT e a escala do VIM, para testar as hipóteses deste estudo.

### **Capítulo III – Resultados**

#### **1. Análise das Qualidades Psicométricas do Vocational Identity Measure (VIM)**

Para esta análise os valores omissos, que representavam muito menos de 10% dos dados, foram substituídos pelo valor médio do item em questão.

Para a validade de construto a amostra foi aleatoriamente dividida em 2 subamostras com 143 participantes cada para poder realizar a análise fatorial exploratória (EFA) com uma delas e a análise fatorial confirmatória (CFA) com a outra. A EFA e a CFA podem utilizar o mesmo método de estimação e têm o mesmo objetivo: identificar fatores latentes que expliquem a variância e a covariância num conjunto de indicadores (Brown, 2006). Assim, ao encontrar-se uma determinada estrutura fatorial com a EFA, irá quase sempre confirmar-se essa estrutura numa CFA ao usar exatamente a mesma amostra, tornando-se estas em análises redundantes nesse caso. Ao realizarem-

se estas duas análises com amostras distintas estas tornam-se complementares e enriquecem o estudo da validade da medida que está a ser analisada.

Para a análise do indicador teste-reteste foram apenas considerados os 148 participantes que estiveram nos dois momentos de aplicação.

Os itens 10 (“Estou a passar por um momento difícil por ter de escolher que tipo de trabalho gostaria de ter”) e 15 (“Eu não consigo tomar uma decisão sobre o que quero fazer em termos profissionais”) foram recodificados visto serem itens reversos.

### **1.1.Estatísticas descritivas ao nível dos itens.**

Verificou-se que todos os itens tinham uma média entre o valor 3 e o 4, sendo a maior média encontrada a do item 11 (“Sei que tipo de ocupação eu iria gostar de fazer no futuro”) ( $M=4.00$ ,  $DP=0.81$ ) e a menor média a do item 6 (“Tenho uma forte noção de quem eu sou relativamente ao mundo do trabalho”) ( $M=3.04$ ,  $DP=1.14$ ) (Tabela 1). Os 20 itens apresentaram um coeficiente de variação (desvio-padrão/média) inferior a 1, indicando que a dispersão dos dados é baixa sendo, então, a média uma representação boa dos mesmos. As respostas dos participantes variaram entre 1 e 5 em todos os itens (Tabela 1), o que mostra uma capacidade discriminativa. Ainda é de realçar que a maioria dos itens apresentou uma mediana de valor 4, demonstrando-se uma ligeira tendência para os participantes concordarem com o conteúdo dos itens, apesar de haver alguns itens com uma mediana de valor 3 (Tabela 1).

Através do valor da assimetria, que é negativo em todos os itens, mas muito perto de zero (Tabela 1), percebe-se que existe um muito ligeiro e insignificativo enviesamento à direita dos dados, sendo a distribuição simétrica (Laureano & Botelho, 2010). Relativamente à curtose, encontramos valores tanto negativos como positivos, mas, quase todos muito próximos de zero, sendo o valor mais elevado encontrado no

item 19 (1.09) (Tabela 1). Assim, percebe-se que a distribuição é aproximadamente normal (Laureano & Botelho, 2010).

Tabela 1

*Descritivas dos Itens do VIM*

Item	Mediana	M	DP	Mínimo	Máximo	Assimetria	Curtose
<b>1</b>	4.00	3.45	1.00	1	5	-.65	-.14
<b>2</b>	4.00	3.43	1.04	1	5	-.51	-.44
<b>3</b>	4.00	3.95	.76	1	5	-.65	.76
<b>4</b>	3.00	3.42	1.09	1	5	-.22	-.75
<b>5</b>	3.00	3.14	1.19	1	5	-.17	-.84
<b>6</b>	3.00	3.02	.95	1	5	-.05	-.43
<b>7</b>	4.00	3.88	.85	1	5	-.73	.65
<b>8</b>	3.00	3.20	1.13	1	5	-.22	-.82
<b>9</b>	4.00	3.46	1.08	1	5	-.45	-.54
<b>10</b>	4.00	3.48	1.23	1	5	-.50	-.74
<b>11</b>	4.00	4.00	.81	1	5	-.87	.89
<b>12</b>	3.00	3.04	1.14	1	5	-.16	-.83
<b>13</b>	4.00	3.56	.90	1	5	-.66	.19
<b>14</b>	4.00	3.61	1.03	1	5	-.67	-.11
<b>15</b>	4.00	3.63	1.14	1	5	-.50	-.66
<b>16</b>	4.00	3.71	.94	1	5	-.59	-.10
<b>17</b>	4.00	3.72	.83	1	5	-.43	.09
<b>18</b>	3.00	3.16	1.03	1	5	-.25	-.51
<b>19</b>	4.00	3.98	.84	1	5	-.88	1.09
<b>20</b>	4.00	3.31	1.08	1	5	-.35	-.67

Nota. N=286. VIM = Vocational Identity Measure. A escala de resposta era de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

## 1.2. Validade de construto.

Foram realizadas duas análises fatoriais: a exploratória e a confirmatória. A análise fatorial exploratória pretende identificar a estrutura dimensional subjacente a uma ou mais medidas e a análise fatorial confirmatória tem como objetivo testar se uma estrutura dimensional já definida à priori (pela teoria ou por análises anteriores) é

consistente com a estrutura obtida com as medidas em estudo (Stewart, 1981). Estas são assim análises complementares.

### ***1.2.1. Análise Fatorial Exploratória.***

Uma análise fatorial exploratória dos itens do VIM foi realizada para perceber a sua estrutura nesta amostra. Os resultados obtidos mostraram que existe uma excelente adequabilidade dos dados à realização desta análise ( $KMO = .934$ ;  $\chi^2_{(190)} = 1931.993, p < .001$ ). O Scree Plot apontou claramente para uma solução com apenas uma componente, que explicou 52.72% da variância total. Para além disso, através duma matriz aleatória, numa análise paralela, confirmou-se a retenção de apenas uma dimensão (Patil, Surendra, Sanjay & Todd, 2008). Verificou-se ainda que todos os itens apresentaram um peso fatorial superior a .50 (Tabela 2). Este resultado vai ao encontro da estrutura encontrada na versão original do instrumento.

Tabela 2

*Análise fatorial exploratória dos itens do VIM*

Item	Fator	Item	Fator
	1		1
1	.728	11	.724
2	.768	12	.761
3	.649	13	.619
4	.618	14	.847
5	.726	15	-.769
6	.554	16	.866
7	.712	17	.608
8	.825	18	.676
9	.841	19	.631
10	-.607	20	.868
Valor Próprio			10.55
% Variância			52.72

Nota. N= 143. VIM = Vocational Identity Measure.



### 1.2.2. Análise Fatorial Confirmatória.

Foi realizada uma análise fatorial confirmatória dos itens do VIM para testar a existência de um modelo com apenas uma dimensão como foi verificado na versão original do instrumento e na análise fatorial exploratória feita neste estudo.

Primeiramente, foi testado um modelo unidimensional com os 20 itens, contudo esse modelo mostrava um ajustamento não muito adequado com um valor de RMSEA superior a .08 (Hu & Bentler, 1999; Tabachnick & Fidell, 2001) e o item 17 (“Sinto que a minha escolha irá ser a mais adequada para mim”) mostrou um peso fatorial inferior a .30. Foi, assim, testado um segundo modelo sem o item 17 (Figura 1).

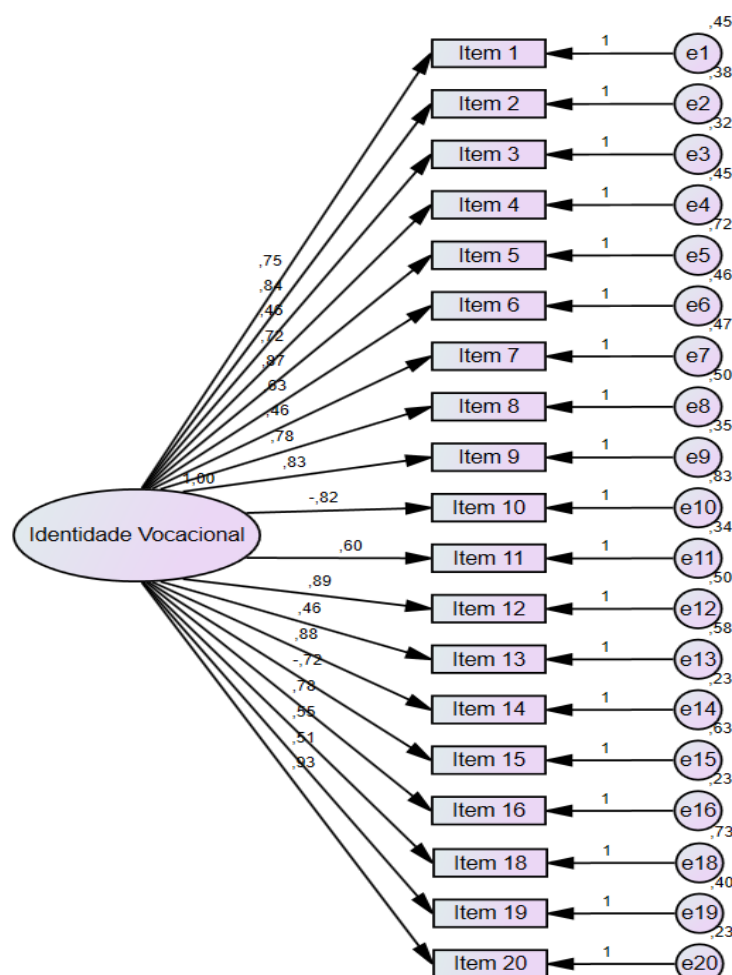


Figura 1. Modelo de um fator da análise fatorial confirmatória do Vocational Identity Measure (VIM). N=143.  $\chi^2$ = Qui-Quadrado.  $\chi^2/gf$  = a razão entre o  $\chi^2$  e os graus de liberdade. GFI = Índice de bondade do ajustamento. RMSEA = a raiz quadrada da média dos erros por aproximação. CFI = Índice de ajustamento comparativo. TLI = Índice Tucker-Lewis.  $\chi^2_{(152)} = 285.151$ ,  $p < .001$ ;  $\chi^2/gf = 1.876$ ; GFI = .829; CFI = .925; TLI = .916; RMSEA = .079.

Os resultados mostraram que, apesar do valor do  $\chi^2$  ter sido elevado e estatisticamente significativo [ $\chi^2 (152) = 285.151, p < .001$ ], encontra-se um valor inferior a 2 na razão  $\chi^2/df$ , existindo uma correspondência aceitável entre o modelo proposto e os dados obtidos (Jöreskog, 1969). Para além disso, como o  $\chi^2$  é extremamente sensível à dimensão da amostra (Schumacker & Lomax, 1996), foi necessário recorrer a outros índices para perceber melhor a qualidade do modelo em questão. Assim, foi encontrado um valor de CFI de .925, um valor de TLI de .916 e um valor de .079 para o RMSEA. Com um valor de CFI e TLI superior a .9 (Hu & Bentler, 1999) e de RMSEA entre o valor .05 e .08 (Hu & Bentler, 1999; Tabachnick & Fidell, 2001), verificou-se um ajustamento aceitável do modelo. Ainda é de realçar que todos os itens apresentaram um peso fatorial superior a .45.

Sendo que o instrumento apresentava 20 itens para medir uma dimensão só, e tendo em conta esta segunda análise da sua estrutura fatorial, foi decidido retirar o item 17 da versão portuguesa do VIM.

De uma forma geral, os valores obtidos nos diferentes indicadores parecem mostrar um melhor ajustamento global do modelo da versão original comparativamente ao modelo da versão portuguesa, mas ambos mostram ter um ajustamento aceitável.

### **1.3.Fiabilidade.**

A fiabilidade do instrumento foi medida através de dois indicadores: a consistência interna e o teste-reteste.

Ao calcular-se o valor do alfa de *Cronbach* para os 20 itens percebeu-se que nenhum deles, se retirado, aumentava a consistência interna da escala. No entanto, o item 17 mantinha esse valor inalterado ao ser retirado e era o que apresentava uma correlação mais baixa com a escala total, reforçando a decisão referida na análise

anterior. Assim, os 19 itens finais mostraram ter uma elevada consistência interna ( $\alpha=.95$ ).

Relativamente ao indicador teste-reteste, numa primeira análise conseguimos perceber que as médias obtidas em cada item do 1º momento para o 2º momento não variam muito (Tabela 3). A maior diferença de médias encontrada é de .14 (Tabela 3) no item 2 (“Sei qual o caminho que quero seguir para a minha carreira quando sair da escola/faculdade”) e no 8 (“Eu não tenho problema em decidir o que quero fazer em termos profissionais”). Para além disso, a diferença da média da escala total (i.e., dos 19 itens) do 1º momento para a média da escala total do 2º momento está muito próxima de zero (-.03) (Tabela 3), e estatisticamente essa diferença não é significativa ( $t_{(147)} = -1.003$ ,  $p=.318$ ).

Tabela 3

*Diferenças de Médias e Desvios-padrão dos Itens do VIM nos dois momentos*

Item	M <sub>1</sub>	DP <sub>1</sub>	Item	M <sub>2</sub>	DP <sub>2</sub>	M <sub>1</sub> -M <sub>2</sub>	DP <sub>1</sub> -DP <sub>2</sub>
<b>1</b>	3.41	1.02	<b>1r</b>	3.53	.81	-.12	.21
<b>2</b>	3.43	1.06	<b>2r</b>	3.57	.95	-.14	.11
<b>3</b>	3.96	.74	<b>3r</b>	3.97	.75	-.01	-.01
<b>4</b>	3.41	1.13	<b>4r</b>	3.47	1.02	-.06	.11
<b>5</b>	3.28	1.18	<b>5r</b>	3.28	1.02	0	.16
<b>6</b>	3.05	.94	<b>6r</b>	3.11	.98	-.06	-.04
<b>7</b>	3.90	.86	<b>7r</b>	3.86	.79	.04	.07
<b>8</b>	3.12	1.11	<b>8r</b>	3.26	1.13	-.14	-.02
<b>9</b>	3.48	1.10	<b>9r</b>	3.56	1.02	-.08	.08
<b>10</b>	3.66	1.15	<b>10r</b>	3.55	1.16	.11	-.01
<b>11</b>	4.01	.80	<b>11r</b>	3.94	.80	.07	0
<b>12</b>	3.12	1.16	<b>12r</b>	3.14	1.13	-.02	.03
<b>13</b>	3.65	.82	<b>13r</b>	3.59	.88	.06	-.06
<b>14</b>	3.69	.99	<b>14r</b>	3.71	.91	-.02	.08
<b>15</b>	3.69	1.11	<b>15r</b>	3.76	1.07	-.07	.04

Continuação da Tabela 3

<b>16</b>	3.76	.93	<b>16r</b>	3.74	.85	.02	.08
<b>18</b>	3.20	1.05	<b>18r</b>	3.32	.97	-.12	.08
<b>19</b>	4.03	.75	<b>19r</b>	3.97	.74	.06	.01
<b>20</b>	3.41	1.03	<b>20r</b>	3.53	1.03	-.12	0
<b>IV</b>	3.54	.74	<b>IVr</b>	3.57	.71	-.03	.03

Nota. N=148. VIM = Vocational Identity Measure. r= reteste. M<sub>1</sub> = Média no 1º momento. M<sub>2</sub> = Média no 2º momento. DP<sub>1</sub> = Desvio-padrão no 1º momento. DP<sub>2</sub> = Desvio-padrão no 2º momento. M<sub>1</sub> – M<sub>2</sub> = Diferença de Médias entre os 2 momentos. DP<sub>1</sub> – DP<sub>2</sub> = Diferença de Desvios-padrão entre os 2 momentos. IV = Identidade Vocacional (média dos 19 itens do 1º momento). IVr = Identidade Vocacional reteste (média dos 19 itens do 2º momento).

Ao correlacionar-se os resultados dos itens do VIM do 1º momento com os do 2º momento (Tabela 4) encontraram-se valores entre .44 ( $p < .001$ ) no item 18 (“Sinto que estou num caminho de carreira já definido para o meu futuro”) e .75 ( $p < .001$ ) no item 20 (“É claro para mim o que eu quero fazer em termos profissionais depois de me formar”). Isto indica a existência de correlações dos itens de um momento para o outro positivas e de moderadas a fortes. Já a correlação entre a escala total do 1º momento para a do 2º momento é positiva e forte ( $r = .86$ ,  $p < .001$ ) e é mais elevada do que as que são encontradas quando se correlacionam os itens da escala de um momento para o outro (Tabela 4).

#### 1.4. Validade de critério.

Para perceber se a Identidade Vocacional medida através do VIM predizia o facto dos participantes terem ou não decidido qual a ocupação profissional que pretendiam ter (medida através da pergunta do questionário sociodemográfico: “Já decidiu que ocupação profissional quer ter?” – resposta de sim ou não), foi realizada uma regressão logística.

Tabela 4  
*Correlações entre os dois momentos nos itens e na escala total do VIM*

	1r	2r	3r	4r	5r	6r	7r	8r	9r	10r	11r	12r	13r	14r	15r	16r	18r	19r	20r	IVr
1	.65*																			
2	—	.61*																		
3	—	—	.60*																	
4	—	—	—	.66*																
5	—	—	—	—	.70*															
6	—	—	—	—	—	.59*														
7	—	—	—	—	—	—	.55*													
8	—	—	—	—	—	—	—	.70*												
9	—	—	—	—	—	—	—	—	.63*											
10	—	—	—	—	—	—	—	—	—	.52*										
11	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	.55*									
12	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	.68*								
13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	.51*							
14	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	.72*						
15	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	.59*					
16	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	.68*				
18	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	.44*			
19	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	.43*		
20	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	.75*	
IV	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	.86*

Nota. \* significativo a  $p < .001$ . N= 148. VIM = Vocational Identity Measure. IV = Identidade Vocacional (média dos 19 itens do 1º momento). IVr = Identidade Vocacional reteste (média dos 19 itens do 2º momento). Vertical: itens do VIM do 1º momento. Horizontal: itens do VIM do 2º momento.

Os resultados indicaram que o modelo se mostrou estatisticamente significativo ( $\chi^2_{(1)} = 79.27$ ;  $p < .001$ ), tendo um sucesso global de predição de 74.1%. Para além disso, quando o resultado total no VIM subia uma unidade, existia 6.05 vezes mais probabilidade de os participantes estarem decididos sobre a profissão que queriam seguir (Wald = 54.00,  $p < .001$ ) (Tabela 5). Este resultado é superior ao encontrado no estudo original.

Tabela 5  
*Modelo de Regressão*

	B	E.P.	Wald	gl	Sig.	Exp(B)
Identidade Vocacional	1.800	.25	54.00	1	.000	6.050
Constante	-5.475	.83	43.50	1	.000	.004

Nota. N= 286. Variável Independente: Identidade Vocacional. Variável Dependente: Decisão da ocupação profissional.

## 2. Análise das Qualidades Psicométricas do Inventário de Perspetiva Temporal (IPT)

Um dos participantes foi retirado das análises que se seguem porque não preencheu este questionário. É ainda de salientar que, tal como nas análises anteriores apresentadas, os valores omissos, que representavam muito menos de 10% dos dados, foram substituídos pelo valor médio do item em questão. Para a análise do indicador teste-reteste foram apenas considerados os 147 participantes que estiveram nos dois momentos de aplicação.

### 2.1. Estatísticas descritivas ao nível dos itens.

Verificou-se que os itens têm médias mais diferenciadas do que no instrumento anterior (i.e., no VIM), sendo a maior média encontrada a do item 15 (“Gosto de pensar

no futuro e nas coisas que poderei vir a fazer”) ( $M=5.47$ ,  $DP=1.24$ ) e a menor média a do item 9 (“Penso no futuro como sendo um buraco vazio e escuro”) ( $M=2.10$ ,  $DP=1.37$ ) (Tabela 6). Os 32 itens apresentaram um coeficiente de variação (desvio-padrão/média) inferior a 1, indicando que a dispersão dos dados é baixa sendo, então, a média uma representação boa dos mesmos. As respostas dos participantes variaram, na maior parte das vezes, entre 1 e 7 (Tabela 6), o que mostra uma capacidade discriminativa. Ainda é de realçar que a mediana também variou muito de item para item, sendo o menor valor encontrado o 2 e o maior valor o 6 (Tabela 6).

Na maioria dos itens o valor da assimetria esteve muito perto do zero, sendo apenas em 3 itens encontrado um valor mais próximo de 1 (item 5, 9 e 27) (Tabela 6), existindo nestes uma maior tendência para se afastarem da simetria. Contudo, em todos eles encontramos uma distribuição simétrica (Laureano & Botelho, 2010).

Relativamente à curtose, encontramos mais uma vez tanto valores negativos como positivos, mas, quase todos muito próximos de zero, sendo os valores mais elevados encontrados nos itens 5 (1.12), 7 (-1.22) e 9 (1.04) (Tabela 6). Assim, percebe-se que a distribuição é aproximadamente normal (Laureano & Botelho, 2010).

Tabela 6  
*Descritivas dos Itens do IPT*

Item	Mediana	M	DP	Mínimo	Máximo	Assimetria	Curtose
<b>1</b>	5.00	4.66	1.41	1	7	-.58	-.06
<b>2</b>	3.00	2.96	1.49	1	7	.58	-.34
<b>3</b>	5.00	4.48	1.29	1	7	-.66	.38
<b>4</b>	4.00	3.73	1.57	1	7	.28	-.59
<b>5</b>	2.00	2.34	1.51	1	7	1.28	1.12
<b>6</b>	5.00	5.11	1.29	2	7	-.42	-.49
<b>7</b>	4.00	3.66	1.93	1	7	.18	-1.22
<b>8</b>	6.00	5.82	1.02	3	7	-.72	.08

Continuação da Tabela 6

<b>9</b>	2.00	2.10	1.37	1	7	1.30	1.04
<b>10</b>	5.00	4.49	1.46	1	7	-.46	-.50
<b>11</b>	5.00	4.55	1.46	1	7	-.44	-.44
<b>12</b>	3.00	2.86	1.45	1	7	.69	-.22
<b>13</b>	4.00	3.59	1.55	1	7	.18	-.65
<b>14</b>	4.00	3.84	1.31	1	7	-.21	-.33
<b>15</b>	6.00	5.47	1.24	2	7	-.75	.09
<b>16</b>	3.00	2.88	1.51	1	7	.57	-.39
<b>17</b>	2.00	2.58	1.37	1	7	.78	-.06
<b>18</b>	4.00	4.18	1.47	1	7	-.15	-.64
<b>19</b>	5.00	5.01	1.32	1	7	-.45	-.35
<b>20</b>	5.00	4.90	1.54	1	7	-.49	-.60
<b>21</b>	4.00	3.97	1.65	1	7	-.04	-.84
<b>22</b>	3.00	3.25	1.57	1	7	.52	-.39
<b>23</b>	3.00	3.42	1.82	1	7	.34	-.90
<b>24</b>	4.00	3.65	1.67	1	7	.04	-.96
<b>25</b>	3.00	3.29	1.67	1	7	.32	-.91
<b>26</b>	5.00	4.54	1.44	1	7	-.37	-.24
<b>27</b>	2.00	2.27	1.36	1	7	1.00	.23
<b>28</b>	4.00	4.28	1.39	1	7	-.09	-.47
<b>29</b>	6.00	5.44	1.08	3	7	-.34	-.56
<b>30</b>	4.00	4.10	1.48	1	7	-.00	-.73
<b>31</b>	4.00	3.72	1.42	1	7	.00	-.73
<b>32</b>	5.00	5.34	1.34	1	7	-.57	-.14

Nota. N= 285. IPT = Inventário de Perspetiva Temporal. A escala de resposta era de 1 (não corresponde nada à forma como me descrevo) a 7 (corresponde a uma descrição muito próxima de mim próprio).

## 2.2. Validade de construto.

Foi realizada uma análise fatorial exploratória dos itens do IPT para perceber a sua estrutura nesta amostra. Apesar da estrutura deste instrumento ter sido já muito estudada, a grande maioria dos estudos utilizam-no com adolescentes.



Em análises iniciais percebeu-se a necessidade de retirar alguns itens (item 5, 7, 8, 15, 22, 23 e 29) ou por terem pesos fatoriais reduzidos ou por terem pesos fatoriais elevados em mais do que 1 item, não se percebendo uma contribuição clara e distinta para um só fator (i.e., exclusão de itens com pesos fatoriais superiores a .40 em dois ou mais fatores, mantendo os itens cujos pesos fatoriais sejam o dobro um do outro).

Os resultados obtidos mostraram que existe uma excelente adequabilidade dos dados à realização desta análise ( $KMO = .903$ ;  $\chi^2_{(300)} = 3425.26, p < .001$ ). O Scree Plot apontou claramente para uma solução com quatro componentes, que explicou 57.87% da variância total. Para além disso, através de uma matriz aleatória, numa análise paralela, confirmou-se a retenção de apenas quatro dimensões (Patil, et al., 2008).

Tabela 7

*Análise fatorial exploratória dos itens do IPT com rotação Varimax*

Item	Fator			
	1	2	3	4
1	<b>.757</b>	-.179	-.124	-.032
2	-.215	<b>.643</b>	-.084	.009
3	<b>.784</b>	-.064	-.164	-.066
4	-.179	<b>.775</b>	-.031	-.102
6	<b>.587</b>	-.436	-.031	.145
9	-.182	.276	<b>.741</b>	-.064
10	<b>.743</b>	-.263	-.157	.004
11	.132	.066	-.158	<b>.809</b>
12	<b>-.511</b>	.388	.420	.047
13	-.208	<b>.777</b>	.098	.015
14	<b>.510</b>	.180	-.231	.032
16	-.333	.357	<b>.589</b>	.143
17	-.252	<b>.580</b>	.318	.018

Continuação da Tabela 7

18	-.027	.021	.202	<b>.814</b>
19	<b>.737</b>	-.254	-.086	.140
20	-.022	-.155	<b>.685</b>	.181
21	-.051	<b>.536</b>	.260	-.061
24	<b>-.529</b>	.386	.326	.149
25	-.304	<b>.535</b>	.225	.151
26	<b>.642</b>	-.084	-.146	.102
27	-.184	.274	<b>.763</b>	-.064
28	.104	<b>.727</b>	.053	.026
30	-.218	<b>.684</b>	.013	.282
31	<b>.759</b>	-.288	-.027	-.057
32	.444	.129	<b>-.616</b>	.203
Valor Próprio	8.36	2.67	1.93	1.49
% Variância	20.60	18.52	12.27	6.49

Nota. N= 285. Pesos fatoriais > .50 estão a negrito. IPT = Inventário de Perspetiva Temporal.

Esta análise apontou para uma primeira dimensão, que explica 20.6% da variância (Tabela 7), com uma forte e positiva contribuição do item 1 (“Caminho de forma ordenada para os objetivos que estabeleci há muito tempo”), 3 (“Sei muito bem quem sou e para onde vou na vida”), 6 (“Gosto de estabelecer objetivos a médio e longo prazo”), 10 (“Tenho planos definidos para os próximos anos”), 14 (“Quando faço planos para o futuro tenho a certeza de que os vou alcançar”), 19 (“Tenho projetos para o que quero fazer a longo prazo”), 26 (“Tenho muitos projetos para o futuro”), 31 (“Tenho o meu futuro bem definido”) e uma contribuição negativa do item 12 (“Tenho poucas ideias sobre o que quero fazer no futuro”) e 24 (“Tenho apenas uma vaga ideia do que irei fazer no futuro”). Esta dimensão parece representar a orientação temporal para o futuro, que no estudo de Janeiro (2012) também era representada por todos estes

itens, apesar de ter mais alguns que no estudo com esta amostra ou tiveram de ser retirados ou contribuíram para outra dimensão.

A segunda dimensão, que explica 18.52% da variância (Tabela 7), tem a contribuição do item 2 (“Não penso muito no futuro e aceito as coisas tal como são”), 4 (“Gosto mais de viver o dia a dia do que fazer planos para o futuro”), 13 (“Prefiro pensar no presente porque o futuro é imprevisível”), 17 (“Geralmente só decido na hora, não costumo planear com antecedência”), 21 (“Quando se pensa muito no futuro não se aproveita bem o presente”), 25 (“Não gosto de assumir responsabilidades a longo prazo”), 28 (“Penso que a vida deve ser vivida um dia de cada vez”) e 30 (“Mantenho o meu futuro em aberto e sem compromissos”). Esta dimensão corresponde à orientação temporal para o presente, contendo exatamente os mesmos itens que o estudo de Janeiro (2012).

Para a terceira dimensão, que explica 12.27% da variância (Tabela 7), contribuem positivamente os itens 9 (“Penso no futuro como sendo um buraco vazio e escuro”), 16 (“Caminho para o futuro um pouco à deriva, não por opção, mas porque não consigo parar”), 20 (“Quando penso no futuro tenho medo de vir a fracassar”) e 27 (“Sinto que o futuro é um grande vazio que me vai puxando”). O item 32 contribui para esta de forma negativa (“Sigo com entusiasmo para o futuro”). Esta dimensão representa a visão negativa do futuro, que no estudo de Janeiro (2012) continha 3 destes itens (9, 16 e 27), sendo que nesse estudo o item 20 e 32 estavam na dimensão da orientação do futuro.

A quarta, e última, dimensão, que explica 6.49% da variância (Tabela 7), contém apenas dois itens, o item 11 (“Penso frequentemente nas coisas boas que me aconteceram no passado”) e o 18 (“Gosto de recordar o meu passado e de como era a vida antes”). Estes dois itens representam a dimensão da orientação para o passado. No

estudo de Janeiro (2012) verificou-se a contribuição destes mesmos dois itens para essa dimensão e de mais dois que nesta amostra precisaram de ser eliminados da análise.

Assim, apesar de existirem algumas ligeiras diferenças entre a estrutura deste instrumento com a amostra em estudo e a da amostra utilizada no estudo de validação do instrumento, confirma-se a existência das mesmas 4 dimensões.

### **2.3.Fiabilidade.**

A fiabilidade do instrumento foi medida através de dois indicadores: a consistência interna e o teste-reteste.

Os índices de precisão do IPT oscilaram entre  $\alpha=.63$  e  $\alpha=.89$ . Assim, as subescalas de Orientação Futuro, Orientação Presente e Visão Negativa do Futuro mostraram ter uma boa consistência interna ( $\alpha=.89$ ,  $\alpha=.85$  e  $\alpha=.79$ , respetivamente). A subescala de Orientação Passado apresentou uma consistência interna mais reduzida, mas ainda assim aceitável ( $\alpha=.63$ ). Relativamente ao estudo de Janeiro (2012), a consistência interna encontrada nas quatro dimensões neste estudo foi mais elevada, principalmente na dimensão de Orientação Passado, em que no estudo de Janeiro (2012) foi encontrado um alfa de .51.

Relativamente ao indicador teste-reteste, numa primeira análise conseguimos perceber que as médias obtidas em cada item do 1º momento para o 2º momento não variam muito (Tabela 8). A maior diferença de médias encontrada nos itens é de .37 (Tabela 8) no item 11 (“Penso frequentemente nas coisas boas que me aconteceram no passado”).

Quando olhamos para as diferenças de médias nas quatro subescalas do instrumento encontramos diferenças entre os dois momentos relativamente pequenas, sendo na Orientação Passado a maior diferença encontrada (.47) (Tabela 8). Essas diferenças são

todas estatisticamente não significativas ( $t_{(147)} = -.96$ ,  $p=.338$ ;  $t_{(147)} = .71$ ,  $p=.477$ ;  $t_{(147)} = 1.01$ ,  $p=.315$ ), exceto na subescala Orientação Passado ( $t_{(147)} = 2.72$ ,  $p=.007$ ).

Tabela 8

*Diferenças de Médias e Desvios-padrão dos Itens do IPT nos dois momentos*

Item	M <sub>1</sub>	DP <sub>1</sub>	Item	M <sub>2</sub>	DP <sub>2</sub>	M <sub>1</sub> -M <sub>2</sub>	DP <sub>1</sub> -DP <sub>2</sub>
<b>1</b>	4.80	1.45	<b>1r</b>	4.70	1.31	.10	.14
<b>2</b>	2.91	1.49	<b>2r</b>	3.16	1.36	-.25	.13
<b>3</b>	4.57	1.27	<b>3r</b>	4.51	1.18	.06	.09
<b>4</b>	3.56	1.54	<b>4r</b>	3.81	1.43	-.25	.11
<b>6</b>	5.23	1.26	<b>6r</b>	5.02	1.26	.21	0
<b>9</b>	1.93	1.18	<b>9r</b>	1.85	1.01	.08	.17
<b>10</b>	4.64	1.46	<b>10r</b>	4.66	1.34	-.02	.12
<b>11</b>	4.68	1.32	<b>11r</b>	4.31	1.41	.37	-.09
<b>12</b>	5.25	1.40	<b>12r</b>	5.28	1.24	-.03	.16
<b>13</b>	3.45	1.54	<b>13r</b>	3.45	1.34	0	.20
<b>14</b>	3.84	1.22	<b>14r</b>	3.89	1.21	-.05	.01
<b>16</b>	2.72	1.41	<b>16r</b>	2.80	1.34	-.08	.07
<b>17</b>	2.56	1.33	<b>17r</b>	2.68	1.32	-.12	.01
<b>18</b>	4.16	1.40	<b>18r</b>	4.06	1.47	.10	-.07
<b>19</b>	5.11	1.33	<b>19r</b>	4.96	1.15	.15	.18
<b>20</b>	4.85	1.52	<b>20r</b>	4.55	1.55	.30	-.03
<b>21</b>	3.91	1.57	<b>21r</b>	3.89	1.55	.02	.02
<b>24</b>	4.41	1.65	<b>24r</b>	4.53	1.55	-.12	.10
<b>25</b>	3.25	1.60	<b>25r</b>	3.26	1.44	-.01	.16
<b>26</b>	4.72	1.40	<b>26r</b>	4.56	1.42	.16	-.02
<b>27</b>	2.14	1.22	<b>27r</b>	2.07	1.19	.07	.03
<b>28</b>	4.23	1.40	<b>28r</b>	4.05	1.36	.18	.04
<b>30</b>	4.05	1.48	<b>30r</b>	3.97	1.36	.08	.12
<b>31</b>	3.82	1.40	<b>31r</b>	3.97	1.43	-.15	-.03
<b>32</b>	2.53	1.25	<b>32r</b>	2.65	1.36	-.12	-.11
<hr/>							
<b>OTF</b>	46.38	10.2	<b>OTFr</b>	46.07	9.52	.30	.68
<b>OTP</b>	27.93	8.25	<b>OTPr</b>	28.28	7.79	-.36	.46
<b>OTPA</b>	8.84	2.28	<b>OTPAr</b>	8.37	2.52	.47	-.24
<b>VNF</b>	14.17	4.58	<b>VNFr</b>	13.91	4.45	.26	.13

Nota. N= 147. IPT = Inventário de Perspetiva Temporal. M<sub>1</sub> = Média no 1º momento. M<sub>2</sub> = Média no 2º momento. DP<sub>1</sub> = Desvio-padrão no 1º momento. DP<sub>2</sub> = Desvio-padrão no 2º momento. M<sub>1</sub> – M<sub>2</sub> =

Diferença de Médias entre os 2 momentos.  $DP_1 - DP_2$  = Diferença de Desvios-padrão entre os 2 momentos.  $r$  = reteste. OTF= Orientação temporal Futuro. OTP= Orientação temporal Presente. OTPA= Orientação temporal Passado. VNF= Visão Negativa Futuro.

Ao correlacionar-se os resultados dos itens do IPT do 1º momento com os do 2º momento (Tabela 9) encontraram-se valores entre .51 ( $p < .001$ ) no item 14 (“Quando faço planos para o futuro tenho a certeza de que os vou alcançar”) e .75 ( $p < .001$ ) no item 32 (“Sigo com entusiasmo para o futuro”). Isto indica a existência de correlações dos itens de um momento para o outro positivas e de moderadas a fortes.

Relativamente às subescalas, encontraram-se correlações positivas e fortes entre o valor do 1º para o do 2º momento na Orientação Futuro ( $r = .86$ ,  $p < .001$ ), na Orientação Presente ( $r = .84$ ,  $p < .001$ ) e na Visão Negativa do Futuro ( $r = .75$ ,  $p < .001$ ) (Tabela 9). Na subescala Orientação Passado, mais uma vez, encontramos um valor mais reduzido, contudo existe também nesta uma correlação positiva, mas moderada ( $r = .63$ ,  $p < .001$ ) com o valor obtido do 1º para o 2º momento (Tabela 9).

### **3. Correlações entre as subescalas do IPT e a escala do VIM**

Na análise das correlações conseguiu verificar-se que a Orientação Temporal de Presente se correlaciona negativamente e de forma moderada com a Orientação Temporal de Futuro ( $r = -.54$ ,  $p < .001$ ) e com a Identidade Vocacional ( $r = -.41$ ,  $p < .001$ ), por outro lado percebeu-se a existência de uma correlação positiva e moderada dessa subescala com a Visão Negativa do Futuro ( $r = .37$ ,  $p < .001$ ) (Tabela 10).

Os resultados apontaram ainda para o facto da Visão Negativa do Futuro se correlacionar negativamente e de forma moderada com a Orientação Temporal de Futuro ( $r = -.55$ ,  $p < .001$ ) e com a Identidade Vocacional ( $r = -.45$ ,  $p < .001$ ) (Tabela 10).

Tabela 9

*Correlações entre os dois momentos nos itens do IPT e nas subescalas do IPT*

	1r	2r	3r	4r	6r	9r	10r	11r	12r	13r	14r	16r	17r	18r	19r	20r
1	.66*															
2		.54*														
3			.58*													
4				.69*												
6					.74*											
9						.57*										
10							.59*									
11								.55*								
12									.69*							
13										.61*						
14											.51*					
16												.64*				
17													.67*			
18														.57*		
19															.61*	
20																.68*

Nota. \* significativo a  $p < .001$ . N= 147. IPT = Inventário de Perspetiva Temporal. Vertical: itens de 1 a 20 IPT do 1º momento. Horizontal: itens de 1 a 20 do IPT do 2º momento.

Continuação da Tabela 9

	21r	24r	25r	26r	27r	28r	30r	31r	32r	OTFr	OTPr	OTPAr	VNFr
<b>21</b>	.68*												
<b>24</b>		.60*											
<b>25</b>			.56*										
<b>26</b>				.71*									
<b>27</b>					.56*								
<b>28</b>						.63*							
<b>30</b>							.64*						
<b>31</b>								.70*					
<b>32</b>									.75*				
<b>OTF</b>										.86*			
<b>OTP</b>											.84*		
<b>OTPA</b>												.63*	
<b>VNF</b>													.75*

Nota. \* significativo a  $p < .001$ . N= 147. IPT = Inventário de Perspetiva Temporal. Vertical: itens de 21 a 32 IPT do 1º momento. Horizontal: itens de 21 a 32 do IPT do 2º momento. r= reteste. OTF= Orientação temporal Futuro. OTP= Orientação temporal Presente. OTPA= Orientação temporal Passado. VNF= Visão Negativa Futuro.



É de realçar ainda a existência duma correlação positiva e forte entre a Identidade Vocacional e a Orientação Temporal de Futuro ( $r=.77$ ,  $p<.001$ ), sendo a correlação mais forte encontrada (Tabela 10).

Tabela 10

*Correlações entre as subescalas do IPT e a escala do VIM*

<b>Ensino Superior (N=285)</b>								
	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>alfa</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
1 Orientação Temporal de Futuro	45.34	10.10	.89	—				
2 Orientação Temporal de Presente	28.50	8.48	.85	<b>-.54*</b>	—			
3 Orientação Temporal de Passado	8.73	2.50	.63	.04	.09	—		
4 Visão Negativa Futuro	14.82	5.25	.79	<b>-.55*</b>	<b>.37*</b>	.03	—	
5 Identidade Vocacional	3.50	.74	.95	<b>.77*</b>	<b>-.41*</b>	.03	<b>-.45*</b>	—

Nota. N= 285. \* significativo a  $p<.001$ . IPT = Inventário de Perspetiva Temporal. VIM= Vocational Identity Measure. Identidade Vocacional: média dos 19 itens do VIM. Subescalas do IPT: somatório dos itens que fazem parte de cada subescala.

Por último, é de referir que na subescala do IPT de Orientação Temporal de Passado não se encontraram quaisquer relações entre quer as restantes subescalas do instrumento, quer com a Identidade Vocacional (Tabela 10).

## **Capítulo IV – Discussão**

O Presente estudo teve como um dos seus objetivos adaptar e validar para português o instrumento Vocational Identity Measure (VIM) de Grupta et al. (2015) utilizando, para esse efeito, uma amostra de jovens adultos a frequentar a universidade de Lisboa. Pretendia-se também validar o Inventário de Perspetiva Temporal (IPT) de Janeiro (2006) para a amostra em questão. E, dessa forma, conseguir perceber se existe relação entre a identidade vocacional e a perspetiva temporal.

Até à data, a população portuguesa contava com um instrumento para medir a identidade vocacional como um construto unidimensional: a VIS de Holland et al. (1980). Este instrumento foi utilizado ao nível da intervenção, por exemplo, na avaliação das necessidades iniciais de consulta vocacional; como indicador da eficácia da intervenção vocacional; e em inúmeras investigações realizadas ao longo de mais de duas décadas (Santos, 2010). Recentemente, Grupta e colaboradores (2015) chamaram a atenção para algumas limitações e fragilidades nesta escala, tendo proposto um instrumento alternativo, o VIM.

A versão portuguesa do VIM proposta no presente estudo evidencia, em geral, bons índices de precisão e de validade. Com efeito e tal como na versão original, o instrumento mostra estar organizado em apenas uma dimensão com uma elevada consistência interna entre os itens. No entanto, na versão portuguesa, com as análises realizadas chegou-se à conclusão que se deveria retirar o item 17 (“Sinto que a minha escolha irá ser a mais adequada para mim”). Se pensarmos no contexto português, que conta atualmente com alguma instabilidade no mercado de trabalho e com elevadas taxas de desemprego (EUROSTAT, 2015), percebemos que podem existir muitos alunos, nomeadamente no curso de psicologia, com a preocupação de não conseguirem arranjar emprego na sua área de estudos/interesse. Pagotti, Mendonça, Alves e Labiak (2006) numa investigação com estudantes universitários brasileiros do curso de Psicologia, notaram que cerca de 80% dos alunos tinha como maior preocupação as questões relacionadas com o futuro emprego. Esta preocupação parece, assim, tratar-se de uma crença, não individual, mas generalizada a muitos jovens adultos a frequentar a universidade que poderá ter-se refletido na resposta dos participantes. E, talvez por isso, o item 17 não seja um bom item para avaliar a identidade vocacional neste grupo alvo. Aliás, se olharmos para todos os outros itens da escala, este é o item onde esta crença

poderá exercer maior efeito. Tendo tudo isto em conta, a retirada deste item parece ser a melhor opção, até porque a escala conta com 19 itens a contribuir para a medição de um mesmo construto.

A medição do indicador de teste-reteste foi sugerida pelos autores da escala original, que não tiveram oportunidade de o fazer, e os resultados deste estudo apontam para uma relativa estabilidade temporal da Identidade Vocacional com a versão portuguesa do VIM, pelo menos em períodos curtos de tempo entre avaliações.

Ainda se pode verificar que a Identidade Vocacional medida através do VIM tem um poder preditivo face à tomada de decisão da ocupação profissional dos indivíduos (i.e., indivíduos com uma identidade vocacional mais desenvolvida tendem a estar mais decididos sobre a ocupação profissional que querem ter). Este resultado também foi verificado com a versão original do instrumento. Wallace-Broschius e colaboradores (1994) também concluíram que quanto mais desenvolvida estiver a identidade dos jovens melhores capacidades de decisão de carreira estes parecem ter.

Relativamente ao IPT, verifica-se a mesma estrutura fatorial encontrada com adolescentes, com quatro dimensões: Orientação Futuro, Orientação Presente, Orientação Passado e Visão Negativa do Futuro. Todavia, os resultados deste estudo apontam para a necessidade de retirar sete itens do instrumento (5, 7, 8, 15, 22, 23 e 29).

Três desses itens (7, 8 e 22) no estudo de validação do inventário de Janeiro (2012) já apresentavam pesos fatoriais reduzidos comparativamente com os outros itens. Efetivamente, ao olharmos para eles com mais atenção percebemos que o item 7 (“Para mim é importante manter as tradições de família”) contrariamente aos outros itens da dimensão, não se dirige ao passado do indivíduo, mas de outros significativos. Já o item 8 (“Penso que tudo está ligado e aquilo que faço hoje será importante para o meu futuro”) refere-se ao impacto que as ações do presente têm no futuro e nos outros itens

da dimensão Orientação Futuro não existe uma menção tão clara ao presente. O item 22 (“Não gosto de me imaginar num futuro distante”) poderá ser um pouco ambíguo sendo que tanto podem discordar com a frase pessoas com uma maior orientação para o futuro, como indivíduos que querem simplesmente fugir ao presente, não significando isso que estas tracem planos e objetivos para o seu futuro.

Olhando para os restantes itens que foram eliminados do instrumento neste estudo também conseguimos perceber o que pode estar inerente a esse afastamento das quatro dimensões. O item 5 (“Penso que a vida não tem padrão nem tem sentido”), apesar de na versão original constar na dimensão de Visão Negativa do Futuro, não apresenta claramente a ideia de futuro comparativamente aos restantes itens dessa dimensão. No que diz respeito ao item 23 (“Gostaria de voltar a ser criança porque tudo era mais fácil nessa altura”) percebe-se que está subjacente mais uma vez a possibilidade de fuga ao presente, mas desta vez recorrendo-se do passado. O item 29 (“Imagino o futuro como uma época em que irei fazer muitas coisas”) mostra ser um pouco ambíguo e confuso, visto que é difícil não imaginar o futuro como uma altura em que se vai fazer muitas coisas. Por último, o item 15 (“Gosto de pensar no futuro e nas coisas que poderei vir a fazer”) não parece reportar tão claramente, quanto os restantes itens da dimensão, à ideia de projetos, objetivos e certezas relativamente ao futuro.

Verifica-se ainda a existência de dois itens que neste estudo mostram contribuir para a dimensão Visão Negativa do Futuro, e na versão original surgem na dimensão Orientação Futuro. Os itens em questão são o 20 (“Quando penso no futuro tenho medo de vir a fracassar”) e o reverso do 32 (“Sigo com entusiasmo para o futuro”) que, apesar de se reportarem ao futuro, revelam uma componente mais emocional associada a este.

É de realçar que esta versão mais reduzida do IPT apresenta bons índices de validade, para além de mostrar a existência de uma maior consistência interna nas

quatro dimensões do que no estudo de Janeiro (2012). Já no estudo com adultos realizado por Ortuño e Janeiro (2009) verificou-se uma consistência interna ligeiramente mais elevada na Orientação Passado e Visão Negativa do Futuro do que neste estudo, mas uma consistência ligeiramente mais reduzida na Orientação Futuro e exatamente o mesmo nível de consistência interna na Orientação Passado.

É desconhecido um estudo que tenha analisado a estabilidade temporal dos resultados no IPT, e os resultados deste estudo apontam para uma relativa estabilidade temporal nas dimensões deste inventário, exceto na Orientação Passado, pelo menos em períodos curtos de tempo entre avaliações. Mais uma vez, a subescala Orientação Passado parece ser a mais frágil do instrumento, principalmente sendo que nesta versão apresenta apenas dois itens.

Relativamente às hipóteses do presente estudo, os resultados apontam para a sua confirmação. Com efeito, tal como previsto, a Identidade Vocacional apresenta uma correlação positiva com a Orientação temporal de Futuro. Este resultado vai ao encontro dos resultados observados por Luyckx, et al. (2010), que apesar de operacionalizarem a identidade vocacional como um construto multidimensional e medirem a perspetiva temporal com o ZTPI, encontraram uma correlação positiva entre a perspetiva temporal de futuro e uma identidade vocacional mais desenvolvida. Não obstante, Taber e Blankemeyer (2015), que também operacionalizaram a identidade vocacional como um construto multidimensional e mediram a perspetiva temporal com o ZTPI, não encontraram evidências para essa relação.

Os resultados obtidos agora podem ser compreendidos com base em algumas evidências da literatura, sendo que quando a orientação temporal para o futuro é predominante existe uma maior confiança e menos ansiedade ao tomar decisões de carreira (Jung, et al., 2015).

A hipótese de uma relação inversa entre a Identidade Vocacional e a Orientação temporal de presente foi igualmente confirmada. Luyckx, et al. (2010) encontraram resultados semelhantes, já Taber e Blankemeyer (2015) verificaram uma relação positiva entre uma identidade vocacional menos desenvolvida e o presente fatalista do ZTPI, e nenhuma relação com uma identidade mais desenvolvida e essa orientação temporal. O resultado agora obtido pode ser compreendido se atendermos a investigações anteriores que demonstram uma associação positiva entre a orientação temporal para o presente e diversos comportamentos de risco (Zimbardo & Boyd, 1999). De igual modo, vários estudos têm demonstrado que pessoas com uma identidade vocacional mais desenvolvida são relativamente isentas de problemas psicológicos incapacitantes e são mais competentes tanto a nível interpessoal como vocacional (e.g. Holland, et al., 1993).

Um outro resultado interessante encontrado foi o facto de a Identidade Vocacional também estar correlacionada negativamente com a Visão Negativa do Futuro. Este resultado, não deixa de fazer sentido, visto que tanto neste estudo, como em estudos anteriores (e.g., Janeiro, 2012; Ortuño & Janeiro, 2009) esta dimensão mostrou estar correlacionada positivamente com a subescala Orientação Presente e negativamente com a subescala Orientação Futuro.

Conseguimos concluir assim que uma identidade vocacional mais desenvolvida está associada a uma maior orientação para o futuro e a uma menor visão negativa para esse marco temporal, para além de estar associada a uma menor orientação para o presente.

Contudo, é importante referir algumas limitações existentes no estudo presente. Em primeiro lugar, este é um estudo correlacional, onde os participantes não foram sujeitos a qualquer manipulação, não permitindo inferências de causalidade. Outro

aspecto a ter em consideração é o facto de a amostra ser de conveniência, existindo pouca representação do sexo masculino, de outros cursos universitários, para além de Psicologia, e de outras zonas de Portugal, para além de Lisboa. Nesse sentido, não se pode considerar esta amostra representativa do universo de jovens adultos portugueses a frequentar a Universidade. De facto, Santos (2010) realça o facto de a identidade vocacional não diferir consoante o género, porém Khasawneh e colaboradores (2007) concluem que existem diferenças na identidade vocacional de diferentes cursos universitários, onde, por exemplo, alunos de economia mostraram ter uma identidade vocacional mais desenvolvida do que alunos de ciências educativas. Adicionalmente, encontram-se diferenças na perspetiva temporal de Futuro em termos de género, onde as mulheres portuguesas parecem apresentar valores ligeiramente mais elevados (Ortuño & Gamboa, 2009).

É importante que estudos futuros tentem replicar o estudo presente numa amostra de maior dimensão e mais representativa do universo de jovens adultos portugueses a frequentar a Universidade, para perceber se são encontrados os mesmos resultados. Para além disso, visto o VIM ser um instrumento com tantos itens para medir uma dimensão apenas, poderia ser realizado um estudo com o objetivo de construir uma versão reduzida deste. Seria ainda uma mais-valia tentar adaptar este instrumento para outras faixas etárias da população portuguesa, como, por exemplo, estudantes do ensino secundário, verificando se a estrutura do instrumento é sempre a mesma, independentemente da população-alvo.

Tal como existe um estudo para perceber a evolução da Perspetiva Temporal ao longo do percurso universitário (Ortuño, Paixão & Janeiro, 2011), seria ainda interessante perceber a evolução da identidade vocacional, comparando os resultados no VIM dos estudantes dos primeiros anos do curso com os dos estudantes dos últimos

anos do curso, ou, idealmente, realizando um estudo longitudinal acompanhando o percurso de alguns estudantes universitários.

Por último, apesar deste estudo ter comprovado a existência de uma relação entre a Identidade Vocacional e algumas dimensões da perspectiva temporal, estudos futuros poderiam tentar perceber quais são as variáveis critérios e quais as preditoras. Tentando perceber assim se é a identidade vocacional que prediz as orientações temporais do indivíduo ou o contrário.

Em suma, este estudo demonstra uma relação entre a Identidade Vocacional e a Perspetiva Temporal, e como a investigação tem demonstrado que a perspetiva temporal pode ser modificada através da intervenção (Marko & Savickas, 1998), poderá dizer-se que essas intervenções poderão também ser úteis para facilitar o desenvolvimento da identidade. Este estudo contribui ainda com um instrumento em português para medir a identidade vocacional com bons indicadores de validade, apresentando-se como uma alternativa ao VIS, que possui algumas fragilidades (Grupta et al., 2015). Assim, os indivíduos podem usar esta nova escala para ajudá-los durante o processo de tomada de decisão de carreira, porque esta informa-os de quão conscientes estão dos seus objetivos de carreira, interesses e habilidades (Grupta et al., 2015). Em indivíduos com uma identidade vocacional menos desenvolvida, as intervenções podem ser implementadas a fim de os incentivar a explorar os seus interesses e opções de carreira disponíveis para eles, de modo a construir a sua identidade vocacional (Grupta et al., 2015). Este instrumento poderá ser útil, não só para avaliações e intervenções vocacionais, como também para futuras investigações, constituindo-se como um instrumento de fácil aplicação, cotação e interpretação.



### Referências

- Andrade, C. (2010). Transição para a Idade Adulta: das Condições Sociais às Implicações Psicológicas. *Análise Psicológica*, XXVIII (2), 255-267.
- Andrade, C. (2014). Construção de uma Escala de avaliação de atitudes perante o trabalho e a carreira para jovens com formação universitária. *Revista Exedra*, 9, 53-63.
- Boniwell, I., & Zimbardo, P. (2004). Balancing time perspective in pursuit of optimal functioning. In P. A. Linley & S. Joseph (Eds.), *Positive psychology in practice* (pp. 165–179). Hoboken: Wiley.
- Brown, B. L. (2000). *Changing Career Patterns*. Columbia, OH: ERIC Clearinghouse on Adult, Career, and Vocational Education.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York, NY: Guilford Press.
- Creed, P. A., & Hood, M. (2015). Process variables: Maturity, identity, decision making, and adjustment. In P. J. Hartung, M. L. Savickas, e W. B. Walsh (Eds.), *APA Handbook of Career Intervention*, vol. 1, (pp. 351-372). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Erikson, E. H. (1963). *Childhood and society* (2nd ed.). New York: W. W. Norton.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. NY: Norton & Company.
- EUROSTAT. (2015). Taxa de desemprego, dos 15 aos 64 anos, por grupo etário na Europa. Retirado em 22 de junho de 2016 de <http://www.pordata.pt/Europa/Taxa+de+desemprego++dos+15+aos+64+anos++por+grupo+et%c3%a1rio-1798-214339>.
- Grupta, A., Chong, S. & Leong, F. T. L. (2015). Development and validation of the vocational identity measure. *Journal of Career Assessment*, 23(1), 79-90.

- Guichard, J., Pouyaud, J., Calan, C., & Dumora, B. (2012). Identity construction and career development interventions with emerging adults. *Journal of Vocational Behavior, 81*, 52–58.
- Gushue, G. V., Clarke, C. P., Pantzer, K. M., & Scanlan, K. R. L. (2006). Self-efficacy, perceptions of barriers, vocational identity, and the career exploration behavior of latino/a high school students. *The Career Development Quarterly, 54*, 307-317.
- Holland, J. L. (1997). *Making vocational choices*. Odessa, FL: Psychological Assessment Resources, Inc.
- Holland, J. L., Gottfredson, D. C., & Power, P. G. (1980). Some diagnostic scales for research in decision making and personality: Identity, information, and barriers. *Journal of Personality and Social Psychology, 39* (6), 1191-1200.
- Holland, J. L., Johnston D. C., & Asama, N. F., (1993). The Vocational Identity Scale: A diagnostic and treatment tool. *Journal of Career Assessment, 1*(1), 1-12.
- Hu, L. T., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling. A Multidisciplinary Journal, 6*(1), 1-55.
- Janeiro, I. (2006). *A perspectiva temporal, as crenças atribucionais, a auto-estima e as atitudes de planeamento e de exploração da carreira estudo sobre os determinantes da maturidade na carreira em estudantes dos 9º e 12º anos*. Dissertação de doutoramento (não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Janeiro, I. N. (2012). O Inventário de Perspectiva Temporal: Estudo de validação. *RIDEP, 34* (1), 117-132.
- Jöreskog, K. G. (1969). A general approach to confirmatory maximum likelihood factor analysis. *Psychometrika, 34*, 183–202.

- Jung, H., Park, I., & Rie, J. (2015). Future time perspective and career decisions: The moderating effects of affect spin. *Journal of Vocational Behavior*, 89, 46–55.
- Khasawneh, S., Khasawneh, L., Hailat, S., & Jawarneh, M. (2007). University students' readiness for the National workforce: A study of vocational. *Mediterranean Journal of Educational Studies*, 12(1), 27-42.
- Kroger, J., Martinussen, M., & Marcia, J. E. (2010). Identity status change during adolescence and young adulthood: A meta-analysis. *Journal of Adolescence*, 33, 683–698.
- Kroger, K., & Marcia, J. E. (2011). The identity statuses: Origins, meanings, and interpretations. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, e V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of Identity Theory and Research* (pp. 32-53). London: Springer.
- Lannegrand-Willems, L., Perchec, C., & Marchal, C. (2016). Vocational identity and psychological adjustment: A study in French adolescents and emerging adults. *Journal of Adolescence*, 47, 210-219.
- Laureano, R. M. S., & Botelho, M. C. (2010). *SPSS: O meu manual de consulta rápida*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Lewin, K. (1951). *Field theory in the social sciences: Selected theoretical papers*. New York: Harper.
- Lewin, K. (1965). *Teoria de Campo em Ciência Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editôra.
- Luyckx, K. (2006). *Identity formation in emerging adulthood: Developmental trajectories, antecedents, and consequences*. Dissertação de doutoramento (não publicada). Katholieke Universiteit Leuven, Belgium.

- Luyckx, K., Lens, W., Smits I., & Goossens, L. (2010). Time perspective and identity formation: Short-Term longitudinal dynamics in college students. *International Journal of Behavioral Development*, 34, 238-247.
- Luyckx, K., Soenens, B., & Goossens, L. (2006). The personality-identity link in emerging adult women: convergent findings from complementary analyses. *European Journal of Personality*, 20, 195-215.
- Marcia, J. E. (1996). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(5), 551-558.
- Marko, K. W., & Savickas, M. L. (1998). Effectiveness of a career time perspective intervention. *Journal of Vocational Behavior*, 52, 106–119.
- Meijers, F. (1998). The development of a career identity. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 20, 191–207.
- Ortuño, V. & Gamboa, V. (2009). Estrutura factorial do Zimbardo Time Perspective Inventory – ZTPI numa amostra de estudantes universitários portugueses. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 27(1), 21-32.
- Ortuño, V., & Janeiro, I. (2009). Estudo comparativo de duas medidas de Perspectiva Temporal: IPT & ZTPI em foco. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, Braga: Universidade do Minho.
- Ortuño, V., Paixão, M. P. & Janeiro, I. (2011). Tempo e universidade: A evolução da perspectiva temporal ao longo do percurso universitário. In Faria, L., Araújo, A., Moraes, F., Sá, E., Pinto, J. e Silva, A. (Eds.), *Carreira, Criatividade e Empreendedorismo* (pp 217-225). Braga: APDC Edições.
- Ortuño, V., Paixão, P., & Janeiro, I. (2013). O tempo subjectivo como instrumento (des)adaptativo no processo desenvolvimental. *Análise Psicológica*, 2, 159-170.

- Patil, V. H., Surendra N. S., Sanjay, M., & Todd D. (2008). Efficient theory development and factor retention criteria: A case for abandoning the 'eigenvalue greater than one' criterion. *Journal of Business Research*, 61 (2), 162-170.
- Porfeli, E. J., Lee, B., Vondracek, F. W., & Weigold, I. K., (2011). A multi-dimensional measure of vocational identity status. *Journal of Adolescence*, 34, 853–871.
- Santos, J. (2010). Adaptação e validação de uma versão portuguesa da Vocational Identity Scale. *Revista Galego-portuguesa De Psicoloxía E Educación*, 18(1), 1138-1663.
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (1996). *A beginners's guide to structural equation modeling*. Mahwah. NJ: LEA.
- Schwartz, S. J., Hardy, S. A., Zamboanga, B. L., Meca, A., Waterman, A. S., Picariello, S., ... Forthun, L. F. (2015). Identity in young adulthood: Links with mental health and risky behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 36, 39-52.
- Sestito, L. A., Sica L. S., Ragozini, G., Porfeli E., Weisblat, G., & Palma, T. (2015). Vocational and overall identity: A person-centered approach in Italian university students. *Journal of Vocational Behavior*, 91, 157–169.
- Simons, J., Vansteenkiste, M., Lens, W., & Lacante, M. (2004). Placing motivation and future time perspective theory in a temporal perspective. *Educational Psychology Review*, 16, 121-139.
- Skorikov, V. B. & Vondracek, F. W. (2011). Occupational identity. In S. J. Schwartz, K. Luyckx e V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 693-714). New York: Springer.
- Stets, J. E., & Burke, P. J. (2000). Identity theory and social identity theory. *Social Psychology Quarterly*, 63(3), 224-237.

- Stewart, D. W. (1981). Application and misapplication of factor analysis in marketing research. *Journal of Marketing Research*, 18, 51–62.
- Stolarski, M., Fieulaine, N., & van Beek, W. (2015). Time Perspective Theory: The Introduction. In M. Stolarski, N. Fieulaine, e W. van Beek (Eds.), *Time Perspective Theory; Review, Research and Application: Essays in Honor of Philip G. Zimbardo* (pp. 1-13). London: Springer.
- Suddendorf, T., & Corballis, M. C. (1997). *Mental time travel and the evolution of the human mind*. New York: Basic Books.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2001). *Using multivariate statistics* (4<sup>th</sup>Edn.). Boston. MA: Allyn and Bacon.
- Taber, B. J., & Blankemeyer, M. S. (2015). Time perspective and vocational identity statuses of emerging adults. *The Career Development Quarterly*, 63, 113-125.
- Vondracek, F. W., & Profeli, E. J., (2011). Fostering self-concept and identity constructs in developmental career psychology. In P. J. Hartung e L. M. Subich (Eds.), *Developing Self in Work and Career: Concepts, Cases, and Contexts* (pp. 53-70). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Vondracek, F. W. (1992). The construct of identity and its use in career theory and research. *The Career Development Quarterly*, 41, 130-144.
- Vondracek, F. W., Ferreira, J. A. G., & Santos, E. J. R. (2010). Vocational behavior and development in times of social change: new perspectives for theory and practice. *International Journal Educational Vocational Guidance*, 10, 125–138.
- Wallace-Broschious, A., Serafica, F. C., & Osipio, S. H. (1994). Adolescent career development: Relationship to self-concept and identity status. *Journal of Research on Adolescence*, 4(1), 127–149.

Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (1999). Putting Time in Perspective: A Valid, Reliable Individual-Differences Metric. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77 (6), 1271-1288.

## **Anexos**

Anexo A – Questionário Sociodemográfico inicial.....	57
Anexo B – Vocational Identity Measure (VIM).....	58
Anexo C – Inventário de Perspetiva Temporal (IPT).....	60
Anexo D – Questionário Sociodemográfico do reteste.....	62
Anexo E – Consentimento Informado.....	63
Anexo F – Descritivas do sexo, nacionalidade, curso, idade e sexo.....	64
Anexo G – Distribuição das respostas dos participantes aos itens do VIM.....	66
Anexo H – Teste de KMO e Bartlett, Comunalidades, Scree Plot e Variância Total Explicada da Análise Fatorial Exploratória do VIM.....	67
Anexo I – Matriz aleatória da análise Paralela para o VIM.....	70
Anexo J – Análise fatorial confirmatória do VIM.....	71
Anexo K – Alfas de Cronbach do VIM.....	72
Anexo L – Teste-t de amostras emparelhadas da Identidade Vocacional.....	73
Anexo M – Regressão logística.....	74
Anexo N – Distribuição das respostas dos participantes aos itens do IPT.....	75
Anexo O – Teste de KMO e Bartlett, Comunalidades, Scree Plot e Variância Total Explicada da Análise Fatorial Exploratória do IPT.....	76
Anexo P – Matriz aleatória da análise Paralela.....	79
Anexo Q – Testes-t de amostras emparelhadas das Subescalas do IPT.....	80



**Anexo A**  
Questionário Sociodemográfico inicial

Faculdade de Psicologia  
Universidade de Lisboa

Código: \_\_\_\_\_

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Género: F ☐ M ☐

3. Nacionalidade: \_\_\_\_\_

4. Faculdade: \_\_\_\_\_

5. Curso: \_\_\_\_\_

6. Ano que frequenta: \_\_\_\_\_

7. Quantos anos tem o seu curso? \_\_\_\_\_

8. Já reprovou algum ano do curso que frequenta? Sim ☐ Não ☐

9. Antes de iniciar o curso atual, estava:

a) No secundário ☐

b) Noutro curso universitário que completou ☐

c) Noutro curso universitário que não completou ☐

d) No mercado de trabalho ☐

e) Outro: \_\_\_\_\_ ☐

10. Já teve alguma experiência de trabalho? ☐ Sim ☐ Não

11. No momento, a sua média de curso é (se não souber indique um número aproximado ou um intervalo onde pensa que a sua média se encontra): \_\_\_\_\_.

12. O que espera estar a fazer em termos profissionais e/ou académicos para o próximo ano? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

13. Já decidiu que ocupação profissional quer ter? Sim ☐ Não ☐

Se sim, a profissão que decidiu ter é \_\_\_\_\_.

**Anexo B**  
Vocational Identity Measure (VIM)

**Vocational Identity Measure (Gupta, Chong & Leong, 2015)**

Versão Experimental

Faculdade de Psicologia  
Universidade de Lisboa

As frases seguintes descrevem pensamentos e sentimentos que uma pessoa pode ter face à sua carreira. Indique quanto concorda ou discorda com cada uma das frases, colocando um círculo no número que achar ser o mais adequado (1 = discordo totalmente; 5 = concordo totalmente).

		<i>Discordo totalmente</i>		<i>Não concordo nem discordo</i>		<i>Concordo totalmente</i>
<b>1</b>	É claro para mim o que eu quero fazer em termos profissionais e que tenho as competências certas para o fazer bem.	1	2	3	4	5
<b>2</b>	Sei qual o caminho que quero seguir para a minha carreira quando sair da escola/faculdade.	1	2	3	4	5
<b>3</b>	Eu tenho uma clara noção dos meus interesses ocupacionais.	1	2	3	4	5
<b>4</b>	Conseguiria descrever facilmente o meu trabalho ideal a um empregador.	1	2	3	4	5
<b>5</b>	Sei que tipo de emprego quero ter para o resto da minha vida.	1	2	3	4	5
<b>6</b>	Tenho uma forte noção de quem eu sou relativamente ao mundo do trabalho.	1	2	3	4	5
<b>7</b>	Os meus interesses coincidem com os meus objetivos de carreira.	1	2	3	4	5
<b>8</b>	Eu não tenho problema em decidir o que quero fazer em termos profissionais.	1	2	3	4	5
<b>9</b>	Tenho a certeza de que tipo de trabalho eu gostaria de fazer em termos profissionais.	1	2	3	4	5
<b>10</b>	Estou a passar por um momento difícil por ter de escolher que tipo de trabalho gostaria de ter.	1	2	3	4	5

<b>11</b>	Sei que tipo de ocupação eu iria gostar de fazer no futuro.	1	2	3	4	5
<b>12</b>	Eu já tomei uma decisão firme relativamente ao que eu quero fazer na minha vida.	1	2	3	4	5
<b>13</b>	Eu sei que tipo de trabalho se adequa mais a mim.	1	2	3	4	5
<b>14</b>	Consigo facilmente imaginar que tipo de trabalho quero estar a fazer depois de acabar os meus estudos.	1	2	3	4	5
<b>15</b>	Eu não consigo tomar uma decisão sobre o que quero fazer em termos profissionais.	1	2	3	4	5
<b>16</b>	Tenho uma boa noção de que tipo de trabalho gostaria de estar a fazer quando já não estiver na escola/faculdade.	1	2	3	4	5
<b>17</b>	Sinto que a minha escolha irá ser a mais adequada para mim.	1	2	3	4	5
<b>18</b>	Sinto que estou num caminho de carreira já definido para o meu futuro.	1	2	3	4	5
<b>19</b>	Eu tenho alguns objetivos de carreira que gostava de prosseguir quando terminar os meus estudos.	1	2	3	4	5
<b>20</b>	É claro para mim o que eu quero fazer em termos profissionais depois de me formar.	1	2	3	4	5

---

**Anexo C**  
**Inventário de Perspetiva Temporal (IPT)**

***Isabel N. Janeiro***

Faculdade de Psicologia  
 Universidade de Lisboa

Para responder a este questionário indique o seu grau de concordância com as frases que se seguem. Se considerar que a frase corresponde a uma descrição muito próxima de si próprio, assinale «7». Se a frase não corresponde nada à forma como se descreve, assinale «1». Se considera que se encontra algures entre estes dois casos, assinale 2, 3, 4, 5 ou 6. Quanto mais alto o número que assinalar mais forte será a concordância com a frase para se descrever a si próprio.

1. Caminho de forma ordenada para os objectivos que estabeleci há muito tempo .....	1	2	3	4	5	6	7
2. Não penso muito no futuro e aceito as coisas tais como são.....	1	2	3	4	5	6	7
3. Sei muito bem quem sou e para onde vou na vida.....	1	2	3	4	5	6	7
4. Gosto mais de viver o dia a dia do que fazer planos para o futuro.....	1	2	3	4	5	6	7
5. Penso que a vida não tem um padrão nem tem sentido.....	1	2	3	4	5	6	7
6. Gosto de estabelecer objectivos a médio e longo prazo .....	1	2	3	4	5	6	7
7. Para mim é importante manter as tradições de família .....	1	2	3	4	5	6	7
8. Penso que tudo está ligado e aquilo que faço hoje será importante para o meu futuro.....	1	2	3	4	5	6	7
9. Penso no futuro como sendo um buraco vazio e escuro .....	1	2	3	4	5	6	7
10. Tenho planos definidos para os próximos anos .....	1	2	3	4	5	6	7
11. Penso frequentemente nas coisas boas que me aconteceram no passado	1	2	3	4	5	6	7
12. Tenho poucas ideias sobre o que quero fazer no futuro .....	1	2	3	4	5	6	7
13. Prefiro pensar no presente porque o futuro é imprevisível .....	1	2	3	4	5	6	7
14. Quando faço planos para o futuro tenho a certeza de que os vou alcançar	1	2	3	4	5	6	7

*Continua na página seguinte ...*

(continuação)

15. Gosto de pensar no futuro e nas coisas que poderei vir a fazer.....	1	2	3	4	5	6	7
16. Caminho para o futuro um pouco à deriva, não por opção mas porque não consigo parar .....	1	2	3	4	5	6	7
17. Geralmente só decido na hora, não costumo planear com antecedência..	1	2	3	4	5	6	7
18. Gosto de recordar o meu passado e de como era a vida antes .....	1	2	3	4	5	6	7
19. Tenho projectos para o que quero fazer a longo prazo.....	1	2	3	4	5	6	7
20. Quando penso no futuro tenho medo de vir a fracassar .....	1	2	3	4	5	6	7
21. Quando se pensa muito no futuro não se aproveita bem o presente.....	1	2	3	4	5	6	7
22. Não gosto de me imaginar num futuro distante.....	1	2	3	4	5	6	7
23. Gostaria de voltar a ser criança porque tudo era mais fácil nessa altura...	1	2	3	4	5	6	7
24. Tenho apenas uma vaga ideia do que irei fazer no futuro.....	1	2	3	4	5	6	7
25. Não gosto de assumir responsabilidades a longo prazo.....	1	2	3	4	5	6	7
26. Tenho muitos projectos para o futuro.....	1	2	3	4	5	6	7
27. Sinto que o futuro é um grande vazio que me vai puxando. ....	1	2	3	4	5	6	7
28. Penso que a vida deve ser vivida um dia de cada vez.....	1	2	3	4	5	6	7
29. Imagino o futuro como uma época em que irei fazer muitas coisas.....	1	2	3	4	5	6	7
30. Mantenho o meu futuro em aberto e sem compromissos .....	1	2	3	4	5	6	7
31.Tenho o meu futuro bem definido.....	1	2	3	4	5	6	7
32. Sigo com entusiasmo para o futuro .....	1	2	3	4	5	6	7

**Anexo D**  
Questionário Sociodemográfico do reteste

Faculdade de Psicologia  
Universidade de Lisboa

Código: \_\_\_\_\_

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Género: F ☐ ☐

3. Nacionalidade: \_\_\_\_\_

4. O que espera estar a fazer em termos profissionais e/ou académicos para o próximo ano? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

5. Já decidiu que ocupação profissional quer ter? Sim ☐ Não ☐

Se sim, a profissão que decidiu ter é \_\_\_\_\_.

**Anexo E**  
Consentimento Informado

**Nome Estudo:** Identidade Vocacional e a sua relação com a Perspetiva Temporal  
**Investigador:** Tânia Almeida  
**Supervisora:** Isabel Janeiro

**TERMO CONSENTIMENTO INFORMADO**

**Objetivos do Estudo**

O presente estudo tem como objetivo adaptar para português um instrumento designado de Vocational Identity Measure (VIM) e perceber a relação da Identidade Vocacional com a Perspetiva Temporal.

**Condições do Estudo**

O estudo terá 2 momentos, com um intervalo de 2 semanas a 1 mês entre eles, para aplicação de questionários e o tempo previsto de duração de cada um desses momentos é de cerca de 20 minutos.

**Benefícios da Participação**

Este estudo está inserido na temática da Intervenção Vocacional, abordando questões relacionadas com a tomada de decisão de carreira, levando os participantes a refletirem sobre as suas escolhas e sobre a sua identidade vocacional.

**Voluntariado**

Este estudo tem um caráter voluntário. O participante tem a possibilidade de negar a participação ou de se retirar do estudo, a qualquer momento, sempre que assim o entender.

**Confidencialidade, Privacidade e Anonimato**

De acordo com as normas da Comissão de Proteção de Dados, os dados recolhidos são anónimos e confidenciais. Será criado um código pelo participante com as iniciais dos seus dois primeiros nomes e os últimos 3 dígitos do cartão de cidadão/BI para permitir o emparelhamento dos dados dos dois momentos sem que o anonimato seja posto em causa.

Caso queira saber mais acerca do estudo ou os seus resultados, entre em contacto:  
tssalmeida@gmail.com

Tendo tomado conhecimento sobre a informação disponível do estudo, declaro aceitar participar.

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2016

**Anexo F**

Descritivas do sexo, nacionalidade, curso, idade e sexo

Tabela 1

*Frequências do sexo dos participantes*

<b>Sexo</b>		
	Frequência	Percentagem
Masculino	45	15.7
Feminino	241	84.3
Total	286	100.0

Tabela 2

*Descritivas da idade dos participantes*

	<b>Média</b>	<b>DP</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
<b>Idade</b>	20.72	1.69	18	30

Tabela 3

*Frequências das nacionalidades dos participantes*

<b>Nacionalidade</b>		
	Frequência	Percentagem
Portuguesa	245	85.7
Cabo-Verdiana	2	0.7
Omissos	39	13.6
Total	286	100.0

Tabela 4

*Frequências do sexo dos participantes que participaram dos dois momentos*

<b>Sexo</b>		
	Frequência	Percentagem
Masculino	20	13.5
Feminino	128	86.5
Total	148	100.0



Tabela 5  
*Frequências das nacionalidades dos participantes*

<b>Curso</b>		
	Frequência	Porcentagem
Psicologia	282	98.6
Estudos Gerais	4	1.4
Total	286	100.0

### Anexo G

#### Distribuição das respostas dos participantes aos itens do VIM

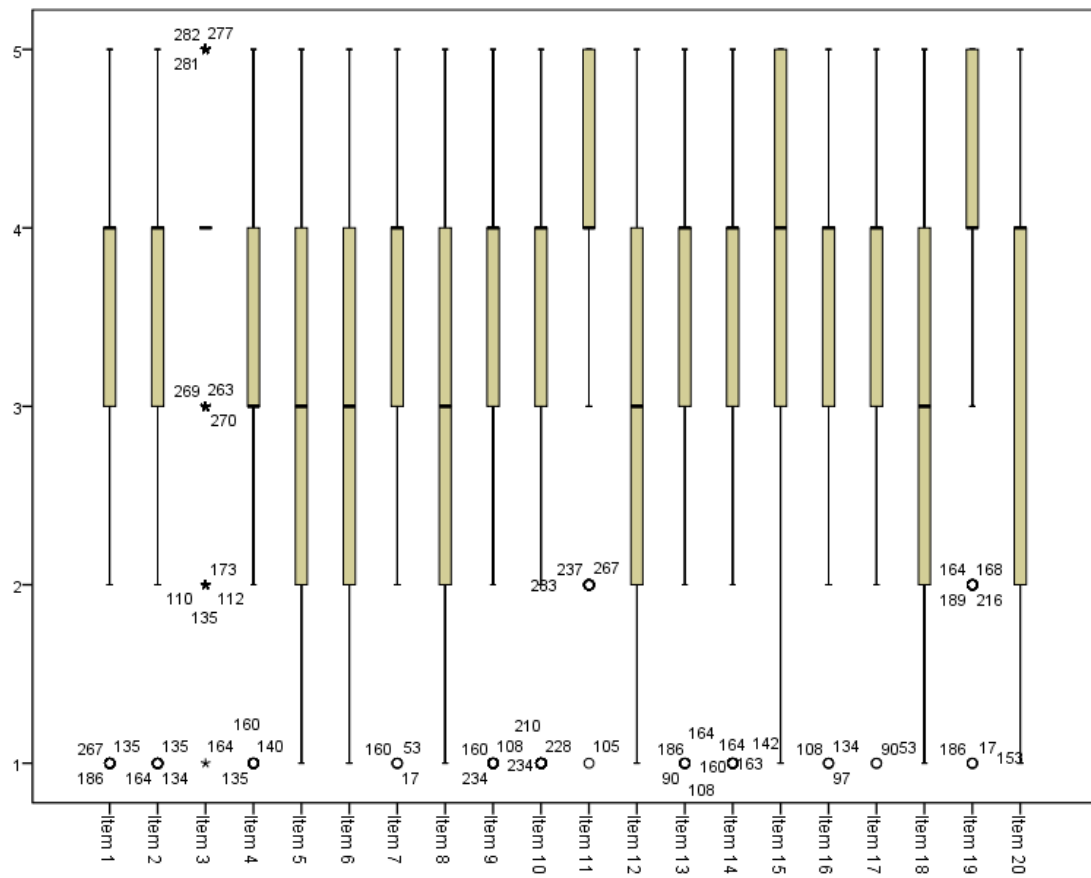


Figura 1. Gráfico de extremos e quartis dos itens do VIM

### Anexo H

#### Teste de KMO e Bartlett, Comunalidades, Scree Plot e Variância Total Explicada da Análise Fatorial Exploratória do VIM

Tabela 6

*Teste de KMO e Bartlett da Análise Fatorial Exploratória do VIM*

Teste de KMO e Bartlett		
KMO		.934
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	1931.993
	gl	190
	Sig.	.000

Nota. N=143.

Tabela 7

*Comunalidades da Análise Fatorial Exploratória do VIM*

Itens	Inicial	Extração	Itens	Inicial	Extração
<b>1</b>	1.000	.530	<b>11</b>	1.000	.524
<b>2</b>	1.000	.590	<b>12</b>	1.000	.578
<b>3</b>	1.000	.421	<b>13</b>	1.000	.383
<b>4</b>	1.000	.383	<b>14</b>	1.000	.718
<b>5</b>	1.000	.528	<b>15</b>	1.000	.591
<b>6</b>	1.000	.307	<b>16</b>	1.000	.749
<b>7</b>	1.000	.507	<b>17</b>	1.000	.369
<b>8</b>	1.000	.681	<b>18</b>	1.000	.457
<b>9</b>	1.000	.707	<b>19</b>	1.000	.398
<b>10</b>	1.000	.368	<b>20</b>	1.000	.754

Nota. N=143. Método de Extração: Análise de Componentes Principais.

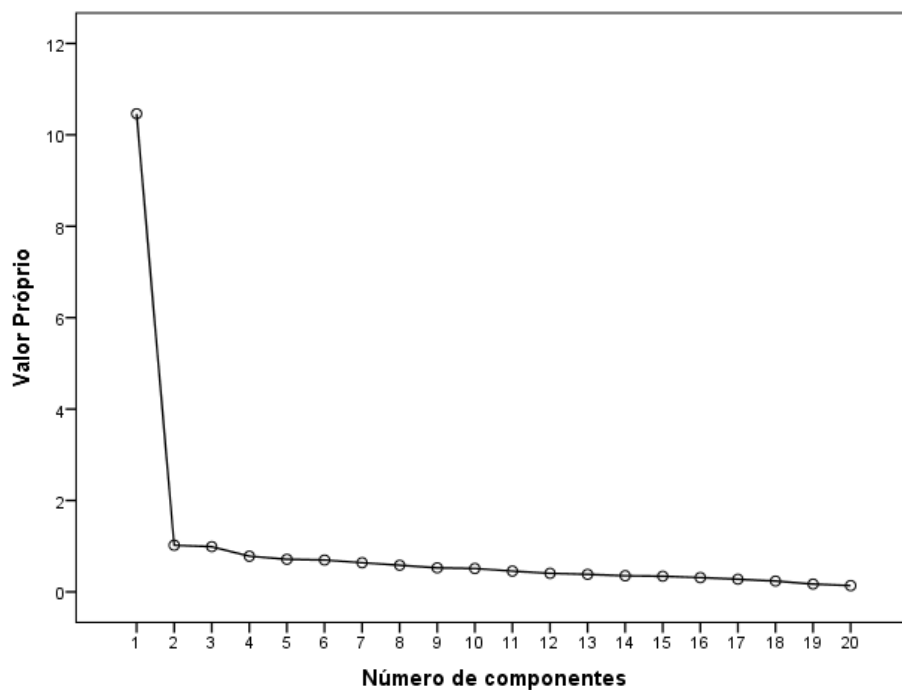


Figura 2. Scree Plot da Análise Fatorial do VIM

Tabela 8

*Variância Total Explicada*

Componente	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	10.545	52.724	52.724
2	1.091	5.454	58.178
3	.997	4.987	63.165
4	.869	4.344	67.510
5	.754	3.768	71.278
6	.719	3.596	74.874
7	.678	3.389	78.262
8	.581	2.906	81.168
9	.552	2.760	83.928
10	.456	2.280	86.209
11	.440	2.199	88.408
12	.405	2.023	90.431
13	.348	1.738	92.169

Continuação da Tabela 8

14	.339	1.693	93.862
15	.297	1.484	95.346
16	.251	1.253	96.599
17	.224	1.122	97.721
18	.208	1.039	98.760
19	.147	.736	99.496
20	.101	.504	100.000

Nota. N=143.

**Anexo I****Matriz aleatória da análise Paralela para o VIM**

Tabela 9

*Matriz aleatória da análise paralela*

	Médias	Percentil
1.000000	1.742234	1.896267
2.000000	1.596214	1.711627
3.000000	1.477154	1.549596
4.000000	1.387308	1.446013
5.000000	1.312130	1.387066
6.000000	1.229367	1.283432
7.000000	1.166200	1.220806
8.000000	1.103425	1.144287
9.000000	1.046180	1.090366
10.000000	0.990719	1.035620
11.000000	0.933203	0.970381
12.000000	0.877864	0.917719
13.000000	0.826698	0.874203
14.000000	0.772473	0.816957
15.000000	0.722204	0.769573
16.000000	0.673846	0.720208
17.000000	0.622220	0.659970
18.000000	0.570656	0.619383
19.000000	0.504374	0.557874
20.000000	0.445534	0.501316

Nota. N=143.

### Anexo J

#### Análise fatorial confirmatória do VIM

$\chi^2(170)=332,778$ ;  $p=,000$ ;  $\chi^2/gf=1,958$ ; CFI=,911; PCFI=,815; GFI=,811; TLI=,900; RMSEA=,082;  $P(\text{rmsea} \leq 0.05)=,000$

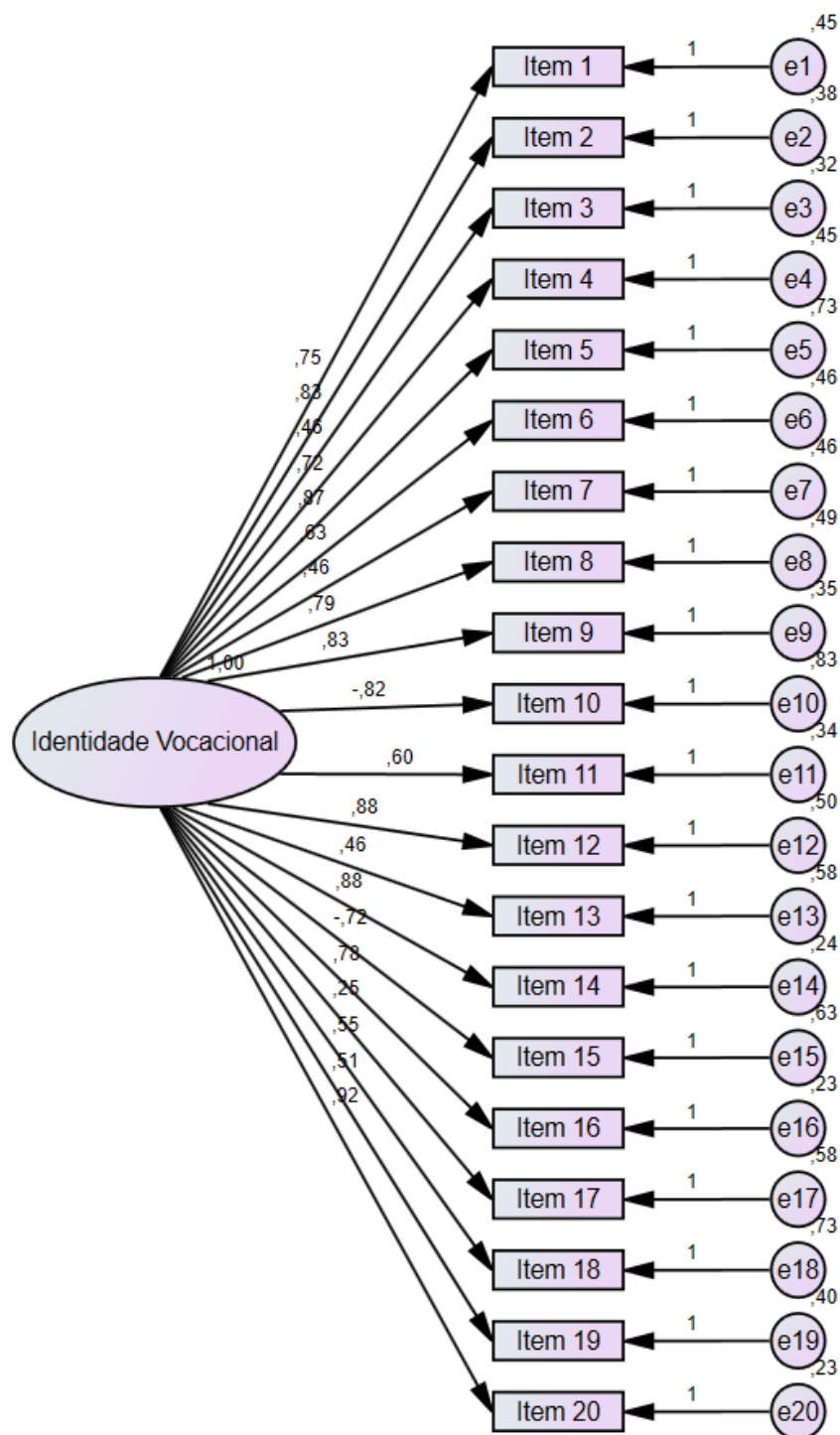


Figura 3. Modelo de um fator com os 20 itens da análise fatorial confirmatória do VIM.  $N=143$ .  $\chi^2$ = Qui-Quadrado.  $\chi^2/gf$  = a razão entre o  $\chi^2$  e os graus de liberdade. GFI = Índice de bondade do ajustamento. RMSEA = a raiz quadrada da média dos erros por aproximação. CFI = Índice de ajustamento comparativo. PCFI = Índice de ajustamento comparativo padronizado.

**Anexo K**  
Alfas de Cronbach do VIM

Tabela 10

*Alfa de Cronbach se algum item do VIM for retirado*

	Correlação item-total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for retirado
<b>Item 1</b>	.711	.947
<b>Item 2</b>	.752	.946
<b>Item 3</b>	.620	.949
<b>Item 4</b>	.632	.948
<b>Item 5</b>	.689	.948
<b>Item 6</b>	.587	.949
<b>Item 7</b>	.615	.948
<b>Item 8</b>	.771	.946
<b>Item 9</b>	.804	.945
<b>Item 10</b>	.613	.949
<b>Item 11</b>	.690	.948
<b>Item 12</b>	.739	.947
<b>Item 13</b>	.555	.949
<b>Item 14</b>	.827	.945
<b>Item 15</b>	.708	.947
<b>Item 16</b>	.823	.946
<b>Item 17</b>	.461	.950
<b>Item 18</b>	.588	.949
<b>Item 19</b>	.598	.949
<b>Item 20</b>	.847	.945



## Anexo L

### Teste-t de amostras emparelhadas da Identidade Vocacional

Tabela 11

*Diferença entre a Identidade Vocacional nos dois momentos*

	M	DP	95%IC		t	gl	Sig. (bilateral)
			LI	LS			
IV-IVr	-.03	.38	-.09	.03	-1.003	147	.318

Nota. IV = Identidade Vocacional (média dos 20 itens do 1º momento). IVr = Identidade Vocacional reteste (média dos 20 itens do 2º momento). IV-IVr= Diferença entre a Identidade Vocacional nos dois momentos. IC = Intervalo de Confiança. LI = Limite Inferior. LS = Limite Superior.

**Anexo M**  
Regressão logística

Tabela 12

*Percentagem corretamente predita pelo modelo*

		<b>Predito</b>		
		Já decidiu que ocupação profissional quer ter?		
<b>Observado</b>		Não	Sim	Percentagem correta
Já decidiu que ocupação profissional quer ter?	Não	46	53	46.5
	Sim	21	166	88.8
Percentagem global				74.1

Nota. Variável independente: Identidade Vocacional. Variável dependente: Decisão da ocupação profissional.

Tabela 13

*Teste Qui-quadrado ao modelo de regressão*

	Qui-quadrado	gl	Sig.
Modelo	79.274	1	.000

Nota. Variável independente: Identidade Vocacional. Variável dependente: Decisão da ocupação profissional.

## Anexo N

### Distribuição das respostas dos participantes aos itens do IPT

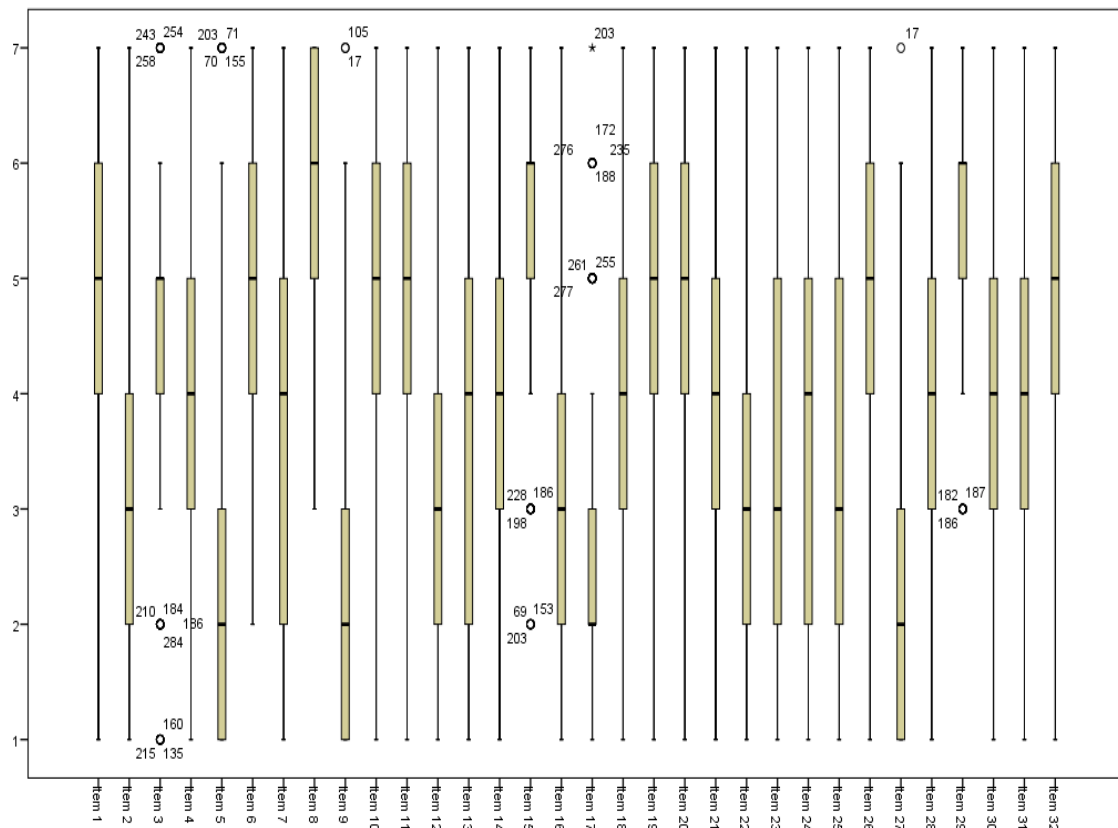


Figura 4. Gráfico de extremos e quartis dos itens do IPT

### Anexo O

#### Teste de KMO e Bartlett, Comunalidades, Scree Plot e Variância Total Explicada da Análise Fatorial Exploratória do IPT

Tabela 14

*Teste de KMO e Bartlett da Análise Fatorial Exploratória do IPT*

Teste de KMO e Bartlett		
KMO		.903
Teste de esfericidade de Bartlett	Aprox. Qui-quadrado	3425.26
	gl	300
	Sig.	.000

Nota. N= 285. Análise Fatorial Exploratória com 25 itens do IPT.

Tabela 15

*Comunalidades da Análise Fatorial Exploratória do IPT*

Itens	Inicial	Extração	Itens	Inicial	Extração
<b>1</b>	1.000	.622	<b>18</b>	1.000	.704
<b>2</b>	1.000	.467	<b>19</b>	1.000	.635
<b>3</b>	1.000	.650	<b>20</b>	1.000	.527
<b>4</b>	1.000	.643	<b>21</b>	1.000	.361
<b>6</b>	1.000	.556	<b>24</b>	1.000	.558
<b>9</b>	1.000	.663	<b>25</b>	1.000	.452
<b>10</b>	1.000	.646	<b>26</b>	1.000	.450
<b>11</b>	1.000	.701	<b>27</b>	1.000	.695
<b>12</b>	1.000	.590	<b>28</b>	1.000	.542
<b>13</b>	1.000	.657	<b>30</b>	1.000	.595
<b>14</b>	1.000	.346	<b>31</b>	1.000	.662
<b>16</b>	1.000	.606	<b>32</b>	1.000	.635
<b>17</b>	1.000	.502			

Nota. N= 285. Método de Extração: Análise de Componentes Principais.

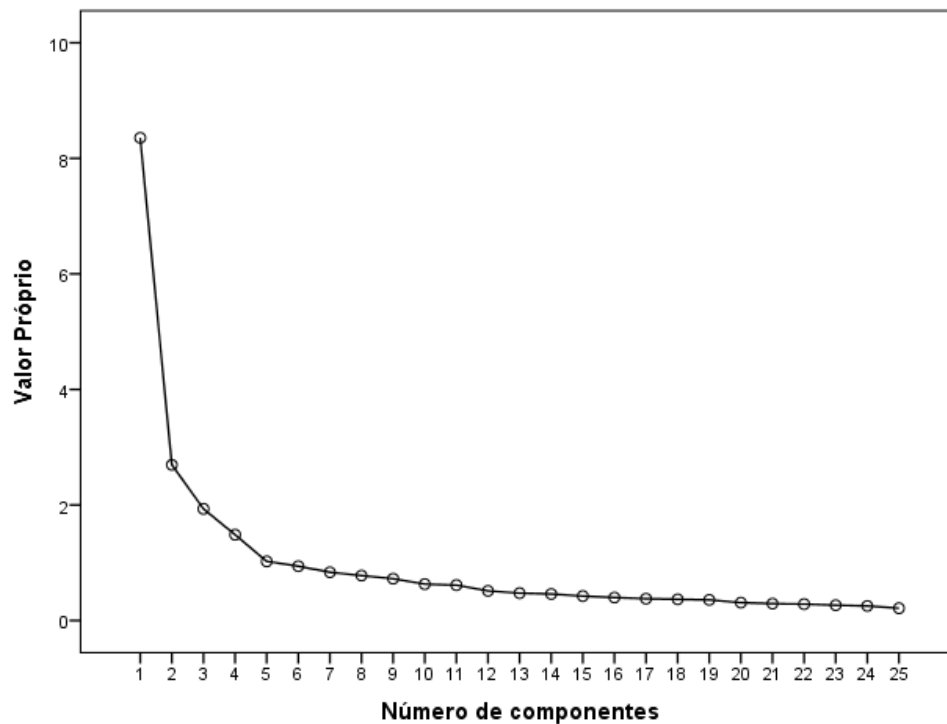


Figura 5. Scree Plot da Análise Fatorial do IPT

Tabela 16

*Variância Total Explicada*

Componente	Total	% de Variância	% Cumulativa
1	8.355	33.421	33.421
2	2.695	10.780	44.201
3	1.933	7.731	51.932
4	1.485	5.940	57.872
5	1.024	4.095	61.967
6	.941	3.762	65.729
7	.836	3.344	69.073
8	.778	3.113	72.186
9	.724	2.895	75.081
10	.630	2.520	77.601
11	.613	2.453	80.054
12	.513	2.051	82.105
13	.474	1.897	84.002

Continuação da Tabela 16

14	.460	1.838	85.840
15	.423	1.692	87.533
16	.399	1.594	89.127
17	.378	1.513	90.640
18	.367	1.470	92.110
19	.357	1.427	93.537
20	.309	1.235	94.772
21	.293	1.171	95.943
22	.284	1.135	97.078
23	.265	1.059	98.137
24	.253	1.011	99.149
25	.213	.851	100.000

---

Nota. N= 285.

**Anexo P**  
Matriz aleatória da análise Paralela

Tabela 17

*Matriz aleatória da análise paralela*

	Médias	Percentil
1.000000	1.576422	1.654225
2.000000	1.487706	1.571551
3.000000	1.417790	1.476971
4.000000	1.353676	1.401024
5.000000	1.306497	1.348357
6.000000	1.258358	1.295866
7.000000	1.211542	1.247157
8.000000	1.169462	1.201315
9.000000	1.126208	1.158531
10.000000	1.088053	1.120939
11.000000	1.049785	1.088066
12.000000	1.010653	1.042986
13.000000	0.976299	1.005567
14.000000	0.939688	0.969320
15.000000	0.904094	0.931889
16.000000	0.870807	0.901137
17.000000	0.833944	0.863734
18.000000	0.801304	0.828230
19.000000	0.770002	0.794367
20.000000	0.735699	0.768520
21.000000	0.702249	0.729648
22.000000	0.665400	0.698292
23.000000	0.627232	0.671110
24.000000	0.584661	0.626173
25.000000	0.532468	0.572046

Nota. N= 285.

### Anexo Q

#### Testes-t de amostras emparelhadas das Subescalas do IPT

Tabela 18

*Diferença entre os dois momentos das dimensões do IPT*

	M	DP	95%IC		t	gl	Sig. (bilateral)
			LI	LS			
OP-OPr	-.36	4.53	-1.09	.38	-.96	147	.338
OF-OFr	.30	3.10	-.54	1.15	.71	147	.477
OPA-OPAr	.47	2.11	-.54	1.15	2.72	147	.007
VNF-VNFr	.26	5.19	.13	.82	1.01	147	.315

Nota. N=147. IPT = Inventário de Perspetiva temporal. r= reteste. OF= Orientação Futuro. OP= Orientação Presente. OPA= Orientação Passado. VNF= Visão Negativa Futuro. IC = Intervalo de Confiança. LI = Limite Inferior. LS = Limite Superior.